

Documento de trabalho

Segunda Parte



Adoratrici del Sangue di Cristo



XXII Assembleia Geral
Nel sangue di Cristo...
«nuove tutte le cose». (Ap 21,5)
Roma, 1 - 29 luglio 2023



Subsídios para aprofundamento

ABRAÇAR
A VULNERABILIDADE
NO CAMINHO
SINODAL



UNIÃO INTERNACIONAL
DAS SUPERIORAS GERAIS

www.uisg.org

Abraçar nossa Vulnerabilidade e seu Potencial Transformador

Dr. Ted Dunn

Dr. Ted Dunn é psicólogo clínico licenciado e cofundador da Comprehensive Consulting Services (Serviços de Consultoria Compreensiva), em Trinity, Flórida. Ele tem mais de trinta anos de experiência no fornecimento de serviços de consultoria, capacitação e assessorias para comunidades religiosas e outras organizações religiosas nos Estados Unidos e em nível internacional.

*Escreve regularmente, apresenta, e trabalha com equipas de liderança e congregações a todos os níveis. O seu foco actual é orientar comunidades que discernem o apelo de Deus para uma nova vida através de processos de mudança e transformação profundas. Os seus novos livros (*Graced Crossroads* e *The Inner Work of Transformation*) demonstram a sua capacidade de integrar espiritualidade, psicologia e teoria de sistemas. Embora os seus clientes e métodos variem, a sua abordagem compassiva à cura, a sua crença na resiliência do espírito humano, e o seu empenho pessoal na aprendizagem ao longo da vida continuam a ser a base de todos os seus esforços profissionais.*

O SENHOR Deus disse ao seu povo:

“Fiquem nas encruzilhadas e vejam

quais são as melhores estradas, procurem saber qual é o melhor caminho.

Andem nesse caminho e vocês terão paz.

Mas eles responderam: ‘Nós não vamos andar nesse caminho!’ (Jeremias 6,16)

Este é um momento de acerto de contas. É nesses tempos de provação que somos testados, testados em nossa própria alma. A vida como a conhecemos, incluindo a vida religiosa, acabou e não há como voltar a ser como era antes. Estamos em uma encruzilhada agora, e temos uma escolha a fazer. Podemos escolher fortalecer nossas defesas, cuidar de nós mesmos e permanecer o mais confortável possível pelo maior tempo possível, ou podemos

escolher abraçar nossa vulnerabilidade, procurar o caminho antigo e, juntos, dar luz a uma nova maneira de ser. A pergunta permanece: *Que caminho você vai escolher?*

Externamente há caos; interiormente há um novo mundo se agitando. Ouça a batida do coração para o Novo. A mudança e o tumulto em nosso mundo são sem precedentes. Acrescente a isso as mudanças complexas e rápidas que vocês enfrentam como líderes, e isso facilmente se torna estafante. Tentar entender tudo isso é como tentar beber de uma mangueira de incêndio. É difícil assimilar o que realmente pensar e sentir sobre tudo isso. É difícil ver a floresta para as árvores, ficar com os pés no chão e fazer escolhas sábias. Podemos facilmente perder a noção do que é mais importante para nós, bem como das pessoas que mais importam para nós. A pressão das demandas diárias muitas vezes tem precedência sobre o cuidado de uns pelos outros, de nossa casa comum e de nosso propósito de vida dado por Deus.

Felizmente, reservamos algum tempo para desacelerar e respirar, para ouvir o que está acontecendo. Vamos aproveitar esta oportunidade, o tempo que temos juntos, para deixar as coisas afundarem e entrar em contato com o que a vida está tentando nos dizer. Nessa encruzilhada agraciada, em meio ao turbilhão de mudanças, qual poderia ser o *convite mais profundo*? Qual é o trabalho de alma que precisamos fazer para ouvir as batidas do coração para o Novo? O que significa abraçar nossa vulnerabilidade e seu potencial transformador? Esses são os tipos de perguntas que convido vocês a refletir e compartilhar umas com as outras.

Ao iniciarmos este dia, primeiramente, gostaria de lhes dizer: Parabéns! Vocês escolheram um tema que é completamente contrário ao paradigma predominante do nosso mundo. Abraçar nossa vulnerabilidade me fala da essência da humanidade e do próprio coração da transformação. Abraçar nossa vulnerabilidade requer que abracemos a plenitude de nosso ser: a beleza e a austeridade da vida, o ciclo completo de entrega, gestação e nascimento, e todo tipo de angústia e amor. A cada novo ciclo de vida, para crescermos, devemos não apenas reconhecer humildemente nossa vulnerabilidade, mas também abraçá-la. Em outras palavras, abraçar nossa vulnerabilidade é parte integrante do trabalho interno e interpessoal de transformação. Não é uma questão de gostar ou não de ser vulnerável. A questão é: Você consegue ver o valor nisso e, por isso, escolhe abraçar esse tipo de trabalho do coração pelo potencial transformador que ele abarca?

Antes de avançar, gostaria de fazer uma pausa e fazer uma pergunta simples:

O que você está realmente procurando? Qual é o seu desejo mais profundo ou anseio mais urgente ao planejar o futuro de sua comunidade e seu futuro pessoal?

Escrevam algumas palavras ou frases em resposta a esta minha pergunta. Darei a vocês um tempo de silêncio para isso.

Uma Grande Virada

Nós não podemos viajar para o futuro sem honrar nosso passado, nossos ancestrais e nossas tradições, mas isso não pode nos levar de volta. Precisamos incluir e transcender o passado, afrouxar nosso controle sobre tradições consagradas pelo tempo e estruturas fantasmagóricas do passado, a fim de abrir espaço para o Novo. O que nos leva para o futuro é nossa coragem, criatividade e tenacidade para dar vida aos nossos anseios mais profundos evocados pela atração e pelo amor de Deus. Honrar o passado não pode significar viver no passado. Honrar nossos ancestrais não pode significar viver como eles viveram. Se realmente honrarmos aqueles que nos precederam, devemos fazer pela próxima geração o que nossos ancestrais fizeram por nós: devemos abrir espaço para o Novo. “Para que nossas vidas tenham sentido”, disse Pierre Teilhard de Chardin, “devemos ter sucesso em continuar o trabalho criativo da evolução”.

Todo o globo terrestre está à beira de uma transição massiva que nós, como espécie, somos parcialmente responsáveis por criar. O destino do planeta, da humanidade e das quase 10 milhões de outras espécies que habitam nossa casa comum estão interligadas. Vamos evoluir para uma nova maneira de ser ou evoluir para a extinção. Acredito que temos a responsabilidade moral de reconhecer os danos que causamos e fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para transformar nossas vidas. Embora não haja garantias, acredito que temos a capacidade de transformar esta crise e ajudar a trazer o próximo salto evolutivo na história da criação.

No entanto, não serão nossos cérebros inteligentes, sozinhos, que determinarão nosso destino. Parece que somos muito melhores em fazer ferramentas do que em usá-las com sabedoria. Nosso futuro depende de nossa capacidade de fazer escolhas sábias. Precisamos reconhecer a vulnerabilidade coletiva que todos estamos enfrentando e sermos parceiros nesse trabalho de transformação. Nosso futuro depende de nossa vontade de nos unirmos por meio da colaboração intergeracional, interdisciplinar, inter-religiosa e intercultural.

A arrogância do “somente eu posso consertar” e a mentalidade “o poder faz o certo” de nossos líderes será a nossa morte. Nossos sistemas de castas patriarcais que subjagam as mulheres e marginalizam as minorias serão a nossa morte. O racismo, o sexismo e o preconceito de idade, e todas as maneiras pelas quais destruimos a dignidade da diferença e a riqueza da diversidade, serão a nossa morte. Em outras palavras, ou todos nos enforcamos, ou nos enforcamos separadamente.

Durante este período de transição, espero que vocês gastem muito tempo pensando em como cuidar melhor de seus membros, administrar suas finanças e obter o mais adequado e melhor uso de suas propriedades e construções. Mas que tal pensar no maior e melhor uso dos talentos, tempo e energia de seus membros? Que tal a sustentabilidade do carisma e da missão? Como vocês cuidarão da alma de sua comunidade? Gostem disso ou não, as comunidades são compelidas a mudar durante esse período de transição, mas também pode haver um convite mais profundo, a possibilidade de transformação e o emergir de uma vida nova?

Antes de explorarmos esse convite mais profundo, descreverei as crises que estamos enfrentando em nosso mundo de forma mais plena e convidá-las a refletir a respeito delas.

Há uma Grande Virada ocorrendo em nossa casa planetária. Vocês não percebem isso? Uma mistura de circunstâncias naturais e provocadas pelo ser humano levou nosso planeta a um ponto de inflexão: aquecimento global, elevação do nível do mar, extinção de espécies e rios de migração. Podemos adicionar a pandemia perniciosa à crise climática, as feridas purulentas do racismo e classismo, do desprezo pelo gênero feminino e supremacia, o tráfico humano e escravidão, a injustiça econômica, desigualdade LGBTQIA, a violência, a guerra e a política tóxica e polarizadora que está trazendo a todos nós aos nossos joelhos coletivos. Eckart Tolle se refere a eles como os “Sinos da Atenção Plena”, os quais estão tocando ameaçadoramente, sinalizando a ameaça existencial à nossa casa planetária e ao futuro da humanidade.

Inúmeros gênios e cientistas acreditam que estamos à beira de uma sexta grande extinção do nosso planeta. Greta Thunberg não mediu palavras quando disse: “Nós estupramos e saqueamos o planeta e colocamos em risco o futuro de nossos filhos”. É uma crise existencial e evolutiva na qual nossa espécie evoluirá para uma nova consciência e uma nova maneira de ser ou se transformará em um abismo de morte e destruição. A esperança está em nossa disposição e determinação de colaborar para dar o próximo salto evolutivo para um novo nível de consciência. A questão permanece: *Quão relevante é isso na vida de vocês e qual é sua resposta a esta Grande Virada?*

Que impacto essas ameaças planetárias estão tendo em seu próprio país? Estes são apenas o pano de fundo para sua vida? Ilea Delio disse uma vez: “A criação não é um pano de fundo para o drama humano, mas a revelação da identidade de Deus”. Eu não poderia deixar de concordar com isso. O mundo em que vivemos não é apenas o contexto da sua vida, ou da Vida Religiosa, é a base de onde brota a vida e o objeto de todos os seus esforços. Acredito que vocês têm um papel fundamental a desempenhar tanto na transformação do mundo, como na transformação da Vida Religiosa.

Dentro desta Grande Virada estão as mudanças tectônicas, estruturais, que ocorrem em toda a paisagem religiosa. Vocês conhecem essas também. Nos Estados Unidos, por exemplo, há um aumento na fome de espiritualidade em meio a um declínio no número de membros de todas as religiões tradicionais, especialmente entre os católicos. Aqueles sem afiliação religiosa, os Nones, são agora o maior subgrupo, superando os católicos e tendendo a aumentar.

Não apresentarei todas as mudanças demográficas para os católicos em todo o mundo. Vocês já viram todas elas antes e as estão experimentando em primeira mão. Basta dizer que as mudanças demográficas representam apenas a ponta do iceberg, uma pequena parte dos desafios enfrentados pelas comunidades religiosas. No entanto, o impacto prático dessas mudanças demográficas está exigindo enorme tempo, energia e recursos apenas para manter a vida como ela é hoje. Consequentemente, resta pouco para moldar uma visão para o amanhã.

Além desses desafios, há uma série de questões mais profundas que atingem a própria alma das comunidades. Por exemplo, o individualismo, a co-dependência, o ativismo e os direitos

próprios estão minando os fundamentos da comunidade, ou seja, interdependência, coresponsabilidade, poder compartilhado e responsabilidade mútua. Consumismo, escândalos de abuso, questões de relevância, confusão de identidade, desvio de missão e outros desafios provocativos atingem a própria alma, a própria essência das comunidades.

A boa notícia é que a Vida Religiosa não está morrendo. Está se transformando, assim como tem sido através de muitas mudanças no ciclo de vida desde o tempo de Jesus. Está na vanguarda de uma consciência emergente em apoio à nossa evolução planetária. A boa notícia é que vocês fazem parte desta Grande Virada! Vocês estão, sem dúvida, trabalhando arduamente para dar sentido ao futuro e para planejá-lo. A negação que persistiu nas últimas décadas está finalmente dando lugar a esforços mais proativos de adaptação e mudança.

A boa notícia é que a morte, embora faça parte dessa transição, não será a última palavra. Essa transformação cíclica é natural a todos os sistemas vivos. A morte nunca é a última palavra; é sempre um novo começo. Esta é a promessa de Deus: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim viverá, ainda que morra; e quem vive e crê em mim nunca morrerá. Vocês acreditam nisso?” (João 11,25-26).

A Vida Religiosa ressurgirá. Mas há escolhas difíceis pela frente e não há soluções rápidas ou soluções prontas. Todas as opções que vocês têm exigirão muito trabalho. Não há escapatória. Mesmo que uma comunidade chegasse à “conclusão”, haveria decisões difíceis e planos complexos a serem implementados apenas para cuidar dos negócios, sem falar no luto pelas perdas e na negociação das inevitáveis diferenças de opinião sobre todas as decisões que devem ser tomadas. Vocês conhecem essas complexidades muito bem. O único consolo, talvez, é que Deus está com vocês e não os abandonará. Esta é a *aliança* de Deus.

Thomas Merton disse certa vez: “Os humanos têm a responsabilidade de se encontrar onde estão, em seu próprio tempo e lugar na história a que pertencem e para a qual devem inevitavelmente contribuir com sua resposta ou suas evasões, seja verdade e ato, ou mero slogan e gesto.” Reservem um momento para refletir sobre essas palavras e anotem alguns pensamentos em resposta a esta segunda pergunta em seu folheto.

Há uma Grande Virada ocorrendo em nossa casa planetária, bem como na Vida Religiosa. O que, nesta Grande Virada, tem relevância para você e como você está respondendo?

Quando são apresentadas às comunidades a noção de transformação, sem pensar muito, a maioria vai ressoar com a ideia de transformação. Claro, por que não? Afinal, quem seria contra a transformação? É como dizer que vocês são contra a maternidade ou a paz mundial.

Infelizmente, apesar de seu entusiasmo pela ideia de transformação, a maioria das comunidades não disponibiliza os recursos concretos, nem exerce a coragem emocional e a disciplina espiritual necessárias para fazer as escolhas difíceis para transformar suas vidas. Elas não agendarão o tempo, comprometerão suas finanças ou envolverão seus membros no trabalho árduo que isso exige. Elas vão escolher, em vez disso, o caminho bem conhecido de

menor resistência. As necessidades urgentes de cuidar de seus membros, planejar o que fazer com suas propriedades e construções, e simplesmente manter a vida como ela é, preenche suas agendas e ofusca o trabalho mais profundo. Inconscientemente, pouco a pouco, as comunidades fazem escolhas mais motivadas pelo medo do que pela coragem, escolhas que quase garantem sua morte.

Algumas comunidades, uma porcentagem menor, descobrirão e se disporão à plenitude da graça nesta encruzilhada. Elas ouvirão um convite mais profundo. Elas procurarão transformar suas vidas e discernir o chamado de Deus para uma vida nova. Elas planejarão, não apenas as mudanças externas que devem ser feitas (por exemplo, finanças, saúde e os tijolos e argamassa de suas vidas), elas também abrirão suas vidas para uma caminhada interior, na floresta, através da noite escura da alma.

Há muitas opções de mudança disponíveis para as comunidades. Não importa qual opção vocês escolherem, vocês simplesmente não podem continuar a viver e funcionar como era no passado. Sem o “trabalho interno de transformação”, essas opções serão pouco mais do que mudanças superficiais destinadas a aliviar os encargos administrativos e facilitar o caminho para a “conclusão”.

O que te trouxe até aqui hoje não vai te levar amanhã. Helen Keller disse assim: “Uma curva na estrada não é o fim da estrada, a menos que você não consiga fazer a curva”. A grande maioria das comunidades não conseguirá fazer a virada. Algumas vão esperar até que seja tarde demais e, quando despertarem, terão esgotado seus recursos e sua vontade de mudar. Outras farão apenas mudanças incrementais, acreditando que estão fazendo o que é necessário, apenas para descobrir que suas pequenas mudanças seguras não são suficientes. E algumas das comunidades mais resilientes farão essa curva com sucesso e trarão uma vida nova. Elas ajudarão a facilitar o surgimento de uma Vida Religiosa nova.

A adaptação é absolutamente necessária, mas o como vocês se adaptam é fundamental. De acordo com Thomas Friedman, a quantidade de mudança que experimentaremos nos próximos 100 anos excederá a mudança experimentada em toda a nossa história humana. A nossa capacidade de adaptação a este ritmo acelerado de mudança será grandemente desafiada. A grande maioria das comunidades será extinta durante este ciclo da Vida Religiosa porque seus esforços de adaptação não terão sucesso. Felizmente, sabemos o porquê.

Aqui estão sete dos esforços comuns mais equivocados. São eles:

1. **Faça novas versões do passado melhoradas.** Assim como as novas versões aprimoradas de pasta de dente ou sabonete, as comunidades farão versões novas e aprimoradas de si mesmas. Elas tentarão fazer o que sempre fizeram, apenas um pouco melhor.
2. **Tente mais arduamente, não de forma diferente.** Elas vão se esforçar mais para apertar o cinto, reduzir despesas, adiar a aposentadoria, reduzir, redimensionar e reaproveitar construções, esperando um resultado diferente, em vez de tentar de maneira diferente.

3. **Aposte no seguro, em vez de inovar.** Elas vão investir no que é seguro, em vez de inovar, por medo de fazer maus investimentos, perder sua reputação ou fracassar. Como se vê, investir no seguro é a escolha mais arriscada de todas.
4. **Envolve-se em mudanças incrementais, em vez de profundas.** Elas favorecerão pequenas mudanças onde os resultados são previsíveis, as conversas são gerenciáveis e as coisas são mais controláveis, em vez do caos de mudanças profundas.
5. **Evite algo ruim, em vez de criar algo bom.** Elas se preocuparão mais em cometer erros, em vez de concentrar sua atenção e recursos em novas possibilidades.
6. **Baixe as mesmas informações, em vez de criar um novo sistema operacional.** Elas baixarão as mesmas informações usando o mesmo sistema operacional, em vez de criar um novo sistema operacional, uma mudança de consciência, que permita o surgimento de novas possibilidades.
7. **Concentre-se na mudança externa, em vez do trabalho interno.** Elas se concentrarão em mudar o que está na superfície de suas vidas (terra, construções, finanças, ministérios e o número de pessoas na liderança) e ignorarão amplamente o que está por baixo, o trabalho pessoal e interpessoal de transformação.

O denominador comum aqui, se vocês ainda não perceberam, é o medo. Se as comunidades não quiserem permanecer uma cultura analógica em um mundo digital, elas precisarão de muita coragem para se adaptar e mudar. Tomem um momento e anatem alguns pensamentos em resposta a esta terceira pergunta.

*Sua comunidade está passando por algum desses esforços equivocados?
Quais e como você entende isso?*

A adaptação e as mudanças, embora sejam necessárias, por si só não são esforços suficientes, se o desejo é transformar. Há, ainda, um convite mais profundo. Para chegar a esse convite mais profundo, farei a distinção entre mudança e transformação. A mudança é um evento externo, um novo arranjo das coisas e, às vezes, um convite à transformação. No entanto, como dizem em Alcoólicos Anônimos: “Você pode mudar onde mora, mas leva seus padrões com você”.

Em outras palavras, se mudarmos apenas as coisas superficiais e ignorarmos o trabalho mais profundo, a velha história migrará para um novo local. Nós a levamos conosco para nossos novos relacionamentos, novos lugares de trabalho ou novos lugares de vida. Ao longo dos anos, ficamos presos por essas velhas histórias, velhas estruturas, velhas formas de pensar e formas padronizadas de viver. Isso é o que Freud chamou de “compulsão à repetição” ou o que Einstein chamou de “traição da alma”. Em outras palavras, você pode fazer mudanças externas, mas isso não é o mesmo que uma transformação.

A transformação, ao contrário, é um processo interno, uma caminhada que muda o significado e o propósito de nossas vidas. Ela muda os padrões e práticas de nossas vidas e as estruturas

que as sustentam. Muda nossa identidade e realinha nossa alma com sua expressão externa. É o que Carl Jung quis expresser quando disse: “Os maiores problemas da vida nunca podem ser resolvidos, apenas superados”. Transformação não é solução de problemas. É um salto no processo de amadurecimento, um realinhamento da alma para a superfície da vida.

O exemplo mais óbvio aqui seria sua decisão de entrar na Vida Religiosa. Isso foi mais do que uma mudança. Foi uma transformação. Você não mudou apenas o que vestia, onde morava ou seu título. Você transformou seus relacionamentos e compromissos primários, seu ritmo, práticas e rotinas diárias, seus valores e visão de mundo, sua identidade e significado e propósito de vida, e você transformou seu relacionamento com Deus. Foi uma experiência de mudança de alma que abriu uma narrativa inteiramente nova para sua vida. É o Mistério Pascal, não como um saber intelectual, mas como uma fé viva e um saber experiencial.

No entanto, todo novo começo vem do fim de algum outro começo. A crise sempre precede a transformação, mas não insiste nela. Uma crise, por definição, é uma situação em que nossa capacidade de lidar é superada pelos fatores estressantes que enfrentamos. Quando em crise, temos a opção de mudar na tentativa de aliviar a dor ou transformar a dor em um novo começo. Na maioria das vezes, tentamos mudar reduzindo os fatores estressantes ou aumentando nossa capacidade de lidar com as situações. Às vezes, porém, escolhemos o caminho menos percorrido, um caminho de *transformação* que traz uma vida nova.

O que acontece numa encruzilhada agraciada? No verso da folha, você verá uma tabela com as palavras “Encruzilhada agraciada” e “Convite mais Profundo”. Deixe que o lado esquerdo represente sua experiência pessoal e o lado direito represente sua experiência comunitária.

Agora peça que vocês reflitam por um momento sobre dois tipos de transições. A primeira será uma de suas próprias transições pessoais, de mudança de vida, passadas ou presentes. A segunda será a transição que sua comunidade está enfrentando agora. O objetivo desta reflexão é aproveitar sua experiência pessoal como um meio para ajudá-las a apreciar o que sua comunidade está enfrentando agora.

Todos nós já estivemos aqui, onde o chão abaixo de nossos pés muda e somos postos de joelhos, somente para sermos transformados, não apenas mudados. Lembrem-se por um momento de uma encruzilhada em sua própria vida, uma do passado ou uma atual. Pode ser uma doença grave, uma perda de emprego, a morte de um membro da família ou amigo próximo, ou um relacionamento ou compromisso rompido que vocês prometeram preservar. No lado esquerdo do papel, anotem uma palavra, frase ou imagem que capture sua experiência pessoal de encruzilhada. Lembrem-se, também, de seu convite mais profundo e anote-o. Darei a vocês um momento para recordar tal experiência e seu convite mais profundo.

Agora reflitam sobre a transição que sua comunidade está enfrentando neste momento. Como vocês descreveriam essa encruzilhada? No lado direito do papel, procure dar um título, um nome. Anotem uma palavra, frase ou imagem que capture a encruzilhada que sua comunidade está enfrentando agora e qual poderia ser o convite mais profundo? Darei a vocês um tempo para isso. Agora, guardem suas experiências pessoais e comunitárias em

suas mentes e corações enquanto eu descrevo algumas das coisas que acontecem nessas encruzilhadas e os convites mais profundos que elas podem oferecer.

Os Alcoólicos Anônimos chamam essas experiências de “atingir o fundo”, o ponto em que somos forçados a admitir que há um problema grave e precisamos buscar ajuda. Não é hora de jogar a toalha, mas de reconhecer que, sozinhos, não somos suficientes para realizar nossa própria cura ou abrir uma nova porta para o futuro. Pessoas de fé cristã podem chamar isso de “noite escura da alma”. Para as comunidades, como em nossas vidas pessoais, isso pode ser uma “encruzilhada agraciada”.

Uma encruzilhada agraciada, embora seja um lugar doloroso, pode ser ao mesmo tempo um lugar profundamente libertador para se estar, se permitirmos. Pode ser um lugar de refúgio onde alegremente “tomamos o jugo” (Mateus 11,29). Por mais doloroso que seja, numa encruzilhada agraciada há um sentimento de libertação e alívio quando deixamos de negar nosso próprio sofrimento ou lutar contra ele. É libertador para nós, para uma comunidade, uma vez que deixamos de lado todo o sofrimento desnecessário que vem de nossas tentativas exaustivas e fúteis de nos agarrar ao que não está mais funcionando, de controlar o que está fora de nosso controle e de negar, de culpar e de envergonhar a nós mesmos ou aos outros por nosso sofrimento.

Quando chegamos ao fundo do poço, começamos a saber o que é realmente real, quem está lá para nós e quem não está, quem acredita em nós e quem não acredita. Quando chegamos ao fundo do poço e finalmente aceitamos a mão que recebemos, começamos a fazer perguntas para as quais não há respostas imediatas, mas para as quais as respostas devem ser encontradas. Com a nossa negação eliminada, podemos começar a ouvir e buscar essas respostas. Podemos começar a ouvir aquela voz mansa e delicada sussurrando um convite mais profundo (1 Reis 19,11-13). Os celtas chamam isso de tempo “fino”, ou um lugar onde o véu entre os dois mundos do céu e da terra é fino. Christine Paintner, em *O amadurecimento lento da alma*, chama isso de “tempo limite”, quando estamos passando de um tempo e uma tomada de consciência para outra. É um lugar onde podemos fazer “conexões mais profundas com o divino”.

A graça floresce em todos os cantos da criação, mas nunca estamos mais conscientes de sua presença e receptivos a seus caminhos do que quando estamos em tal encruzilhada. A graça, solicitada ou não, vem a nós, quer estejamos cientes disso ou não. Quando chegamos a uma encruzilhada, individualmente ou em comunidade, a dor que devemos suportar nos esvazia. Estamos esvaziados de toda arrogância e despojados de nossas defesas. É aqui no profundo silêncio da busca da própria alma que nos deparamos com aquelas partes de nós mesmos que rejeitamos, partes escondidas de nós mesmos e daqueles que amamos. É aqui, nesta encruzilhada, que a graça abre caminho em todos os cantos e recantos do nosso ser.

Uma encruzilhada agraciada, para indivíduos e comunidades, é um lugar onde Deus continuamente coloca diante de nós escolhas entre a vida e a morte. Deus acena, nos implora para escolher a vida, mas essas escolhas são sempre nossas. As comunidades religiosas estão agora em uma encruzilhada agraciada, um limiar entre o que foi e o que ainda está por vir. Aqui, nesta encruzilhada agraciada, está um *convite mais profundo*. *Escolham a vida* para que seus descendentes possam viver. *Escolham a vida* para que vocês possam viver mais

plenamente no tempo que lhes resta. *Escolham a vida* para que possam participar da transformação da Vida Religiosa e de nossa casa planetária, trazendo Cristo ao mundo.

Em cada crise, em cada encruzilhada agraciada, há um convite mais profundo. Olhem novamente para o que vocês perceberam como encruzilhada agraciada e seu convite/apelo mais profundo. Vou lhes dar um momento para anotar quaisquer outras reflexões que possam estar surgindo dentro de vocês.

Qual é a sua experiência de encruzilhada agraciada e seu convite mais profundo?

O Divino Mistério Pascal da transformação está além de nossa compreensão, mas certamente não acontece sem nossa participação ativa. O jovem, Martin Luther King Jr., sentado numa cela de prisão, escreveu: “O progresso humano nunca rola nas rodas da inevitabilidade; vem através dos esforços incansáveis de homens (e mulheres) dispostos a ser cooperadores com Deus”. Vocês podem tentar planejar seu futuro ou criar as condições para que a graça interceda. Para dar o primeiro, vocês devem presumir saber qual é o futuro. Para darem o último passo, vocês precisam aprender a cooperar com a graça e fazer o trabalho interior de transformação.

Não muito longe de onde minha filha, Kelly morou, há um lugar chamado Death Valley, Vale da Morte. Vale da Morte é o lugar mais quente e seco dos Estados Unidos. Nada cresce lá porque não chove. Daí o seu nome. No entanto, em raras ocasiões, contra todas as probabilidades, chove no Vale da Morte. E quando isso acontece, todo o chão do Vale da Morte fica coberto de flores, um fenômeno chamado de “superfloração”. O que isso nos diz é que o Vale da Morte não está realmente morto. Está adormecido. Logo abaixo da superfície estéril estão sementes de possibilidades esperando que as condições certas surjam. Em outras palavras, em sistemas orgânicos, *se as condições forem adequadas, a vida é inevitável. Isso acontece o tempo todo.*

Quando vocês pensam em moldar seu futuro, poderia ajudá-las pensar nisso como uma abordagem mais baseada nos princípios da agricultura. Eu não sou agricultor, mas sei o suficiente para reconhecer que a agricultura, como o crescimento e a transformação humana, não é um processo linear ou mecânico. É um processo orgânico e emergente. E vocês não podem prever ou projetar o resultado de processos orgânicos. Tudo o que vocês podem fazer, como a agricultura, é criar as condições sob as quais a vida possa florescer; plantar as sementes e deixar Deus cuidar do resto.

Qual é o trabalho interior de transformação que ajuda a criar as condições para que a graça interceda e para que a vida floresça? Em meu trabalho com mulheres e homens religiosos em diferentes culturas, ofereci a eles uma abordagem que se baseia nos princípios e processos de transformação. É um meio de cooperar com a graça que descrevi em meu livro, *Encruzilhada Agraciada, Graced Crossroads*.ⁱ Não posso descrever os princípios em detalhe, mas darei a vocês uma versão abreviada. Vocês têm uma folha sobre isso, também.

Estes são os 5 elementos dinâmicos que, quando entrelaçados, constituem o processo chave para uma transformação pessoal e comunitária:

1. Mudanças na consciência: criar uma nova narrativa
2. Recuperar nossa voz interior: a sede e a alma de tudo o que vive
3. Reconciliação e conversão: o ventre do nosso vir a ser
4. Experimentação e aprendizado: abrir caminho para um novo jeito de ser
5. Visão transformadora: ouvir nossos anseios mais profundos

Esses cinco elementos dinâmicos compõem o trabalho interior de transformação, formas de cooperar com a graça e criar as condições para o surgimento de uma vida nova. O que esses processos compreendem e esse trabalho interior exige é exatamente o tema desta reunião: nossa disposição de baixar nossas defesas e abraçar nossa própria vulnerabilidade com dependência radical da graça de Deus. Exige que tiremos nossas máscaras e adotemos toda a medida do que significa ser humano, não apenas nossas alegrias e talentos, mas nossas fraquezas, fragilidades e emoções cruas e nuas.

Este caminho para mudanças e transformações profundas, como eu disse, não é para os fracos de coração. É preciso coragem para arriscar a rejeição quando abrimos nossos corações e compartilhamos nosso verdadeiro eu com os outros. É preciso coragem para se render e deixar de lado as pessoas e lugares que uma vez amamos, um modo de vida que uma vez apreciamos, para dar lugar à vida nova. É preciso ter coragem para reconciliar, oferecer e buscar o perdão e perseguir nossos anseios mais profundos diante da resistência de nossa família e comunidade. E para as comunidades que escolhem seguir este caminho, para fazer esta caminhada do Êxodo, precisarão de líderes que, corajosamente, aceitem suas próprias vulnerabilidades e ajudem seus membros a fazer o mesmo.

Coragem, é claro, não é a ausência de medo, mas a vontade de agir diante dele. A palavra raiz para “coragem” é coração; significa ter coração. Precisamos dissipar o mito e as normas masculinas de que ser vulnerável é algum tipo de falha de caráter. De alguma forma, temos esse mito de que os líderes devem mostrar uma força inabalável, agir profissionalmente, esconder-se atrás de certezas e mascarar quaisquer emoções que possam desmentir essa imagem. Eles devem se proteger contra mágoa ou rejeição e fingir que são legais e calmos quando não são. Eles devem falar de seu intelecto e esconder seu coração. É loucura e morte!

Estudos transculturais sobre liderança deixam bem claro que as qualidades mais importantes de um líder devem ser fundamentadas, honestas, reais e relacionáveis. Um líder confiável é alguém corajoso o suficiente para arriscar a possibilidade de fracasso ou de parecer um tolo em busca de algo mais nobre. Não foi isso que seus fundadores e fundadoras fizeram? Como você pode ser um líder confiável se você não é fundamentado, honesto, real e relacionável, compartilhando generosamente seus dons e talentos, bem como suas fraquezas, fragilidades e sentimentos?

As pessoas precisam de líderes compassivos, não apenas inteligentes; empáticos, não apenas intelectuais; reais e relacionáveis, não superiores ou distantes. Precisamos de líderes que nos inspirem por causa de sua humanidade, não apesar dela. Não foi isso que Jesus fez por nós? Ele não blindou seu coração e desenvolveu uma “pele mais espessa”, como muitos líderes são aconselhados a fazer. Ele não se escondia dos outros nem pregava do púlpito. Ele estava bem

ali conosco, inteiramente vulnerável, arriscando tudo, absolutamente divino em sua humanidade. Não é por isso que nós nos inspiramos nas vidas de Nelson Mandela, Madre Teresa, Mahatma Gandhi, Teresa de Ávila, Martin Luther King, Dorothy Day e Oscar Romero? Não é isso que nos comove quando ouvimos Dalai Lama, Greta Thunberg, Desmond Tutu, Amanda Gorman, Thich Nhat Hanh, Malala Yousafzai e qualquer um que nos presenteia com sua paixão e presença absolutas, sua humildade e humanidade?

Abraçar nossa vulnerabilidade é um paradoxo, como tantos ensinamentos bíblicos. A interpretação literal parece tola. Sua sabedoria, para aqueles que ouvem, está abaixo da superfície. “Pois quando sou fraco, então sou forte” (2 Coríntios 12,11). “Os últimos serão primeiros, e os primeiros serão os últimos” (Mateus 20,16). “Pois quem quiser salvar a sua vida vai perdê-la, mas quem perder a sua vida por minha causa a encontrará” (Mateus 16,25).

Abraçar nossa vulnerabilidade, viver na plenitude de nossa humanidade com o coração aberto, é o que nos transforma. As únicas pessoas que não experimentam a vulnerabilidade são aquelas sem empatia ou compaixão. As pessoas que abraçam a vulnerabilidade conhecem sua beleza, seu potencial criativo; elas sabem que ser vulnerável é o que nos torna humanos e tem o poder de curar e transformar corações. Elas sabem que não podemos anestesiar seletivamente nosso medo, vergonha ou culpa sem também extinguir nossa alegria, amor e compaixão. As pessoas que a abraçam em si mesmas podem abraçá-la também nos outros. Vou dar-lhe um momento para anotar suas reflexões sobre esta questão.

Abraçar sua vulnerabilidade é a chave para o trabalho interno de transformação. De que maneiras você e sua comunidade estão abraçando sua vulnerabilidade e se engajando num trabalho de transformação interior?

Resumo

Há uma Grande Virada ocorrendo em nossa casa planetária. As velhas histórias estão desmoronando à medida que novas estão surgindo. Não há como voltar a ser como as coisas eram. Estamos numa encruzilhada agora e temos uma escolha a fazer. Podemos reagir por medo e seguir o caminho bem trilhado de menor resistência ou podemos acordar e responder com coragem em busca do antigo caminho.

É fácil perder a esperança em tempos como esses, quando os desafios são tão grandes, complexos e mudam rapidamente. Durante um dos momentos mais sombrios da minha encruzilhada pessoal, confessei à minha esposa, Beth, que não podia mais me permitir ter esperanças porque não suportava a dor da decepção. Beth colocou os braços em volta de mim e disse: “Vou levar a esperança para você”. Nunca me senti tão amado. A esperança de uma vida nova não depende de sua capacidade de recrutar novos membros ou prolongar sua longevidade. Ela repousa nos corações dos membros existentes ou não há esperança alguma. Levar a esperança uns para os outros, para os membros que não têm mais esperança e para o nosso mundo onde a esperança é escassa.

O mundo precisa não apenas de sua esperança, mas de sua participação ativa como agentes de transformação. O que poderia ser mais necessário agora do que *encarnar a sabedoria* em um mundo cada vez mais desvinculado da verdade, hipnotizado pela mídia e manipulado por políticos egoístas. Precisamos de sua *presença compassiva* em nosso mundo ferido, tão propenso a envergonhar, culpar e usar bodes expiatórios. Precisamos de modelos de *comunidade viva* em nosso mundo em que parecemos mais interessados em construir muros do que em pontes. O que poderia ser mais necessário agora do que *encarnar os valores Evangélicos* de amor, bondade, inclusão, reciprocidade, perdão, justiça restaurativa e misericórdia num mundo tão polarizado e propenso à violência?

Thomas Merton nos diz que a graça nos é concedida na medida em que “nos dispomos a recebê-la”. Basta criarmos as condições para que a graça interceda e nos disponhamos a recebê-la”ⁱⁱ. Para que uma comunidade faça isso, ela precisará se engajar não apenas na mudança organizacional, mas escolher abraçar *o trabalho de transformação pessoal e interpessoal*. É certo que o trabalho pessoal e interpessoal é muito mais confuso, íntimo e doloroso do que a mudança organizacional, e é exatamente por isso que a maioria dos grupos o evita. No entanto, os membros e as comunidades que eles criam são o coração e a alma, a cola que mantém tudo junto. Se não houver um foco concentrado na transformação pessoal e comunitária, *o que você terá e quem você será ao final de toda a sua mudança organizacional?*

A transformação não é um jogo de tabuleiro e não vem em uma caixa com um conjunto de instruções. Não acontece como resultado de um grande discurso ou assembleias bem preparadas. Ela não se encaixa perfeitamente em cronogramas artificiais, como termos de liderança ou ciclos de Capítulos. Não é um plano estratégico. Nesse sentido, é mais uma peregrinação do que um plano, mais sobre o tipo de pessoa que você está se tornando, do que um esforço para criar algum tipo de grande visão. Se você quer um plano estratégico, descubra o que fará Deus sorrir e então implemente-o. Aí está o seu plano estratégico.

A transformação é um processo contínuo de conversão que ocorre ao longo do tempo como resultado de nossa coragem, criatividade e tenacidade. Fazer esse tipo de trabalho de alma exige que aceitemos nossa vulnerabilidade, admitamos que somos humanos, abençoados e quebrados e paremos com a loucura de falar apenas em nossas cabeças, nosso intelecto. Temos que nos unir e rejeitar essa loucura do individualismo. Ninguém é solista. A antiga linguagem africana do *Ubuntu* nos diz: uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas, que minha humanidade está presa, ligada, inextricavelmente, com a sua. Precisamos lembrar que pertencemos um ao outro, que fomos feitos um para o outro. Madre Teresa disse uma vez: “Se não temos paz, é porque nos esquecemos uns dos outros”.

Agora é um tempo de ajuste de contas, e é nestes tempos de provação que somos testados, testados em nossa própria essência, nossa alma. Agora vamos aprender quão grande ou pequeno é nosso coração, quão misericordioso, quão cuidadoso, quão fiel, quão responsável ainda temos que ser. Rezo para que todos nós tenhamos a força de lembrar que a vida é frágil. Todos somos vulneráveis. Todos nós vamos, em algum momento de nossas vidas, tropeçar e cair. Devemos levar isso em nossos corações: o que nos foi dado é muito especial; ele pode ser tirado de nós e, quando nos for tirado, seremos testados em nossas próprias almas. É

nestes tempos, e neste tipo de dor, que somos convidados a olhar para dentro de nós mesmos, seguir o caminho ancestral e contar com o nosso Amor para nos guiar.

Durante os tempos de transição, quando toda esperança parece desaparecer, o véu entre a vida comum e a Presença Divina torna-se tênue, e a graça se torna mais abundante. Aqui, numa encruzilhada agraciada, há um *convite mais profundo*: ouça a atração e o amor de Deus chamando você a escolher a vida, não apenas para nós mesmos, mas para todas aquelas pessoas a quem professamos nosso amor, nossos descendentes e gerações futuras. O mundo precisa de vocês agora como fermento, como sal, como o remanescente que Deus pode usar para transformar o mundo. Não importa sua idade, seu trabalho ou circunstâncias, você pode ser uma presença que transforma.

Pergunto novamente: O que vocês estão procurando? Uma caminhada de transformação é para as pessoas que são corajosas o suficiente para ouvir e responder a um convite mais profundo. É para aquelas que, abraçando sua vulnerabilidade e fazendo seu trabalho interior, podem aprender a cooperar com a graça e participar deste Divino Mistério de transformação. Aquelas que participarem dessas formas terão a oportunidade não apenas de se transformar, mas ajudarão a facilitar o surgimento de uma Vida Religiosa nova, de um novo mundo em movimento. Elas colocarão sua marca nesta Grande Virada e adicionarão uma página à história contínua da criação.

Obrigado pelo privilégio de sua presença.

“Fique na encruzilhada e olhe.”

O que você está procurando e qual é o caminho que você está trilhando?

ⁱ Ted Dunn, *Graced Crossroads: Pathways to Deep Change and Transformation (Encruzilhadas Agraciadas: Caminhos para a Mudança e Transformação Profundas)* (St. Charles, MO: CCS Publications, 2020).

ⁱⁱ Thomas Merton, *The Ascent to Truth, A Harvest/Hbj Book (O Acento para a Verdade)*; (New York ; London: Harcourt Brace Jovanovich, 1981), p.5.



Espiritualidade da sinodalidade

Nurya Martínez-Gayol, aci

Nurya Martínez-Gayol Fernández é Irmã da Congregação das Servas do Sagrado Coração de Jesus. Nascida em Oviedo (Astúrias-Espanha), é formada em Química-Física.

Estudou Teologia na Pontifícia Universidade de Salamanca e se formou em Teologia Dogmática na Universidade de Deusto (Bilbao). Fez doutorado em Teologia Dogmática na Universidade Gregoriana de Roma sobre o tema da Glória de Deus em Inácio de Loyola (Madri, 2005).

Em 2002 começou a lecionar na Faculdade de Teologia da Universidade Pontifícia Comillas, no Departamento de Teologia Dogmática e Fundamental, onde desenvolve sua tarefa docente e na área da pesquisa. Ela colabora com o GEI (Grupo de Pesquisa Inaciana) desde 2005 e leciona Espiritualidade Inaciana no curso de Mestrado em Espiritualidade Inaciana e na Escola de Diretores de Exercícios Espirituais.

1. O que dizemos quando dizemos espiritualidade?

- A Espiritualidade: uma qualidade relativa ao espírito (etimologia)

De acordo com sua origem etimológica¹, a espiritualidade é uma qualidade relativa ao espírito. A condição e a natureza do espiritual.

- A Espiritualidade como fonte de vida

¹ O substantivo “*spiritus*”, pode ser traduzido como “*alma*”, mas também como *álito, vida, força, impulso, espírito*. La partícula “-*alis*”, que se usa para expresar “relativo a”. O sufixo “-*dad*”, que é equivalente a “qualidade”.

Os dicionários traduzem “espírito” como “respiração vital”. Como o ar que nos envolve e respiramos é fundamental para a vida de qualquer pessoa, é a fonte da vida que nos faz existir. Portanto, podemos dizer que a espiritualidade está presente como um princípio que dá vida a qualquer ser humano e como uma forma de relacionar-se desde o mais profundo de si mesmo com aquela “fonte de vida”, ou com uma alteridade que nos transcende. Para nós, obviamente, essa fonte é Deus (o seu Espírito).

- A Espiritualidade como habilidade social

A espiritualidade nos torna profundamente conscientes de que viver é “com-viver”, que a vida é “comunhão”. Ela não só nos conecta com a nossa “fonte de vida”, mas também com outras pessoas. Portanto, o aspecto relacional é vital em toda a espiritualidade.

Assim, a espiritualidade foi definida como a capacidade social de cuidar das relações em todos os níveis, a fim de promover uma vida plena e com significado.

- A Espiritualidade como motivação

A espiritualidade de uma pessoa é a parte mais profunda de seu ser; ela diz respeito às suas motivações, aos ideais, à sua paixão. *“A Espiritualidade é a motivação que permeia os projetos e compromissos de vida”* (Segundo Galilea). E, portanto, é algo que tem a ver com a raiz que move a própria vida e suas relações fundamentais, sua intencionalidade e sua atividade. Poderíamos dizer que a espiritualidade define o modo de vida de uma pessoa.

- A Espiritualidade como um estado de espírito, como inspiração da atividade de uma pessoa ou comunidade

A Espiritualidade, como é também uma realidade comunitária, pode ser definida como a consciência e a motivação² de um grupo, de um povo³.

A espiritualidade de um sujeito, comunidade ou povo é uma forma de ser e de relacionar-se com a totalidade da realidade, com o que esta tem de transcendente e de história.

Perguntar sobre a “vida espiritual” é, naturalmente, perguntar sobre o cultivo do silêncio, da oração, da contemplação, mas também sobre a vida social e cívica, sobre o compromisso sociopolítico, sobre o uso do dinheiro e do tempo, sobre a seriedade e a honestidade no trabalho, sobre suas formas de buscar a felicidade, de enfrentar a dor, sobre a maneira como vivem sua vida diária, etc.

A espiritualidade deve ser enquadrada em todas estas perspectivas entrelaçadas. Cada dimensão é co-determinante e está co-determinada por outras.

² A espiritualidade de uma pessoa, comunidade, povo é: sua motivação de vida, sua postura, a inspiração de sua atividade, de sua utopia, de suas causas: CASALDALIGA, P.-VIGIL, J. M^a, *Espiritualidade da Libertação*, Editorial Envío, Managua, 1992, 23. Neste mesmo sentido, “A Espiritualidade é a motivação que perpassa todos os projetos e compromissos de vida, a motivação e mística que impregna e inspira o compromisso”. GALILEA, S. *O Caminho da Espiritualidade*. Paulinas. Bogotá, 1985. ,26.

³ É a espiritualidade “macroecumênica” que falam CASALDALIGA-VIGIL, o.c. 23-25, ou “a dimensão teológica fundamental da espiritualidade” como a chama J. SOBRINO. Cf. “Espiritualidade e seguimento de Jesus” em *“Misterium Liberationis. Conceitos fundamentais da Teologia da Libertação*. Trotta, 1990. T.II, 476.

- O Espírito nos faz levar em consideração a realidade. Exigência de discernimento.

A espiritualidade cristã é uma forma de viver o Evangelho pela força do Espírito, mas é também, ao mesmo tempo, uma forma de apreender a realidade e, portanto, de lidar com ela. Por isso, é a mesma ação do Espírito que nos impulsiona, de uma maneira específica, a lidar com a realidade.

Se entendemos, portanto que a “espiritualidade é o modo como lidamos com a realidade, COM A MANEIRA COMO LEVAMOS EM CONSIDERAÇÃO A REALIDADE, a história que vivemos com toda a sua complexidade, poderíamos nos perguntar *que espírito/que modo é adequado e qual não é em cada momento da história*”⁴. Daí a importância do *discernimento* como “instrumento ou mediação”, para este fim.

Em nosso caso, a espiritualidade será então o espírito com o qual nós levamos em consideração esta realidade em que vivemos e para a qual somos enviadas, ou seja, da *Missio Dei*. E o discernimento será a ferramenta que nos permite harmonizar este espírito ou estado de espírito ao “Espírito de Deus” que nos guia neste empreendimento.

Na realidade, as várias espiritualidades que surgiram na vida da Igreja e que foram se concretizando nas diversas formas de vida religiosa e famílias, foram exatamente isso, um deixar que o Espírito conduza a um ou outro modo de “levar em consideração a realidade”, respondendo às suas necessidades ao longo da história.

A partir desta concepção, perguntar-nos que espiritualidade temos, significa perguntar-nos *que espírito nos move no dia a dia, com que espírito enfrentamos a realidade aqui e agora, com que espírito enfrentamos a Misio Dei*.

E esta será uma questão central para nós, a fim de podermos olhar o que significa falar de uma espiritualidade sinodal. E também tomar consciência do que esta forma de entender a “espiritualidade” exige de nós como uma forma de viver, de “levar em consideração” - e portanto “responsabilizarmo-nos e encarregarmo-nos”⁵ - da história, da realidade, dos problemas sociais, políticos, econômicos, religiosos, etc., de nossa situação multicultural concreta, no “aqui e agora” da sinodalidade.

A espiritualidade revela-se, desta forma, como um caminho de vida, um caminho de experiência, um caminho de busca, um caminho humano-divino que abraça todo o humano (corpo, sentidos, cultura, sociedade...), o carregar sobre si e encarregar-se do ser humano e orientá-lo até seu destino em Deus.

2. Sinodalidade: um termo plural.

⁴ J. SOBRINO o.c.,449-476.

⁵ IGNACIO ELLACURÍA, “Para uma fundamentação filosófica do método teológico latinoamericano”, em *Estudos Centroamericanos*, 322-323 (1975) 411-425, aqui 419: Ellacuría compreendia a estrutura formal da inteligência como “apreender a realidade e confrontar-se com ela”, o qual se desdobra em três dimensões: “levar em consideração a realidade” ou a dimensão intelectual, “responsabilizar-se pela realidade” ou a dimensão ética; e “encarregar-se da realidade” ou dimensão prática. Sem dúvida, ao ver a vida e a obra de Ellacuría, segundo Jon Sobrino, faz-se necessário agregar uma quarta: “deixar-se levar pela realidade” ou a dimensão da graça. Cf. JOSÉ LAGUNA, “Hacerse cargo, cargar y encargarse de la realidad”, *Cadernos CyJ* 172 (enero 2011).

A Comissão Teológica Internacional (CTI) descreve a sinodalidade como uma dimensão constitutiva da Igreja⁶ em três sentidos, indo do mais externo e concreto ao mais essencial. Em primeiro lugar, a sinodalidade designa certos acontecimentos que denominamos *sinodos*, convocados pela autoridade competente e de caráter pontual. Em segundo lugar, a palavra indica as *estruturas e processos eclesiais* que se encontram ao serviço do discernimento. Por último, o significado mais essencial do termo remete a um estilo peculiar que caracteriza a vida e a missão da Igreja. Este é o sentido que vamos usar nesta apresentação⁷.

Nós, imediatamente, somos capazes de perceber a conexão existente entre o modo de compreender a “espiritualidade” – uma maneira de levar em consideração a realidade – e a “sinodalidade” – um estilo peculiar que caracteriza a vida e a missão da Igreja –.

A sinodalidade indica um modo de viver e de agir que define a comunidade eclesial tanto em suas relações *ad intra* como *ad extra*. Porém, além disso o significado etimológico da palavra *sinodo*⁸ nos permite entendê-la como um “caminhar juntos”.

Portanto, o que estamos seguindo é uma forma particular de caminhar juntos como Igreja (sinodalidade), a fim de – mais e melhor – poder “levar em consideração” o mundo (espiritualidade). Nisso consiste a espiritualidade sinodal, em levar em consideração a realidade, do mundo, da *Missio Dei*, caminhando juntos.

Como “levamos em consideração” a situação do mundo, para que este encarregarmo-nos dele seja sinodal, ou seja, para fazê-lo com esse estilo peculiar que afete nossa vida eclesial e nossa missão e que implique um “caminhar juntos”?

Tratarei de identificar alguns aspectos que me parecem especialmente importantes, neste momento que estamos vivendo como Igreja, que caracterizariam esta espiritualidade sinodal.

3. 5 características de uma espiritualidade sinodal que abraça a vulnerabilidade

a) *Espiritualidade da escuta*

⁶ O encontra no nº 70 do documento da COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja: Texto e comentário do documento da Comissão Teológica Internacional*, Estudos e ensaios 244 (Santiago Madrigal Terrazas, Autor, Redactor), BAC, Madrid 2019.

⁷ Não só é mais amplo, como é fundamento dos outros dois.

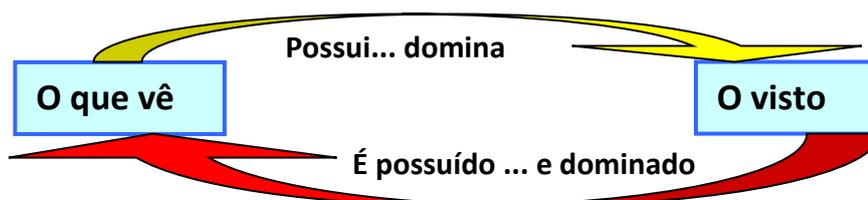
⁸ A palavra *sinodo* vem do latim *sinodus*, vocábulo procedente do grego *σύννοδος* (encontro, reunião, assembleia), composta pelo prefixo grego *συν-* (reunião, ação conjunta) e a raiz *ὁδός* (via, caminho, viagem).

A espiritualidade sinodal deve ser uma espiritualidade de escuta porque a primeira coisa que precisamos para “levar em consideração a realidade do mundo” é “escutá-lo” e “escutar a nós mesmos”. Podemos sempre escutar! Há sempre alguém que precisa ser escutado!

Escutar é algo “Decisivo”, porque é uma das maiores necessidades que o ser humano experimenta: “o desejo ilimitado de ser escutado” (Francis); e é exigente, porque não basta qualquer tipo de escuta, devemos escutar bem, prestando atenção a quem escutamos, o que escutamos e como escutamos.

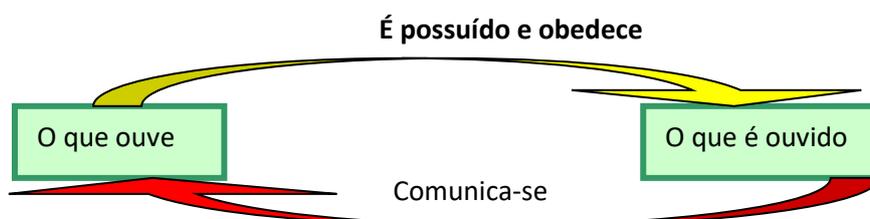
A Bíblia nos lembra constantemente que a escuta é algo mais que uma percepção acústica, e que está ligada à relação dialógica entre Deus e a humanidade. Toda a Torá, repousa sobre uma disposição prévia: “ouve Israel” (o Shema) (Dt 6,4). A iniciativa vem sempre de Deus, que nos fala, e nós respondemos, antes de mais nada, escutando. Mas esta escuta é, por fim, possibilitada por sua Palavra, proveniente de sua graça.

Tanto é que São Paulo afirma que “a fé vem da escuta” (Rm 10,17). Em última análise, acreditar é ver o que nasce da escuta. Portanto, para a Bíblia, o ouvir – a audição – é mais importante do que a visão, o enxergar. Por quê?



O ato de ver é mais impositivo. O olho é o órgão com o qual o mundo é *possuído e dominado*. Através dos olhos, o mundo torna-se “*nosso mundo*” e está subordinado a nós. Nós definimos, rotulamos a realidade. Quem vê tem a tentação de impor-se ao objeto que contempla, a possui-lo a partir de sua pré-compreensão, de julgá-lo por sua aparência pura. A relação que se estabelece entre o que vê e o que é visto é uma relação de objeto.

O ouvido possibilita uma maneira totalmente diversa de relação com a realidade. Em primeiro lugar, porque não podemos ouvir objetos, podemos apenas ouvir suas comunicações, seu desenvolvimento, sua realização, seu movimento, ação... Além disso, “*não podemos determinar nem controlar*” o que vamos ouvir.



O som, a voz... “*o chamado*” vem, chega, nos assalta, nos surpreende... de alguma maneira estamos sem defesas ante a chegada dele. Os sons que chegam ao ouvido se impõem ao ouvinte, surpreende-o, inesperadamente, sem que ele possa fazer algo para evitá-lo.

Somente “*não querendo ouvir*”, somente “*fazendo-se surdos*” seria possível evitar “a escuta”. Mas somente quando se vê o que nasce de uma escuta, é possível ver a partir de um olhar interior e é possível acreditar.

Deus se revela comunicando-se gratuitamente, e Ele também se revela através da realidade, através dos acontecimentos, através de outros que falam. A nós é pedido apenas de simplesmente “*colocarmo-nos a escutar*” para poder harmonizar “nosso espírito/nossa disposição” com seu Espírito.

Esta escuta, como eu disse, é exigente. Requer uma disposição que começa com um “vazio”, um fazer espaço, um sair do “meu próprio amor, do meu querer e meu interesse” [Ex 189] e dispor-me a receber. Para quê? Para poder acolher o que o outro diz sem ouvir a mim mesma, sem distorcer o que a pessoa me diz, sem interpretar antes que o que ela diz toque meu interior, sem fingir possuir, controlar, acreditar que já sei, impermeável a qualquer novidade ou a qualquer espanto. Esvaziando-me de meus preconceitos, de minhas polarizações, disposta para fazer um espaço livre, gratuito, que não impõe nada e que espera tudo.

Não há escuta verdadeira sem esperança, sem esperar algo do outro a quem escuto... sem “reter minhas expectativas, desejos, buscas...”. Sem dar prioridade absoluta àquele de quem vem a palavra. Por esta razão, ouvir também gera esperança “no outro”, que se sente escutado, que percebe que alguém espera algo dele, que acredita nele, e assim o dignifica. Escutar é o reconhecimento do outro e, por isso, implica em dignificá-lo.

Este é possivelmente um dos aspectos mais importantes na vida sinodal da Igreja, e em todas as nossas Assembleias, onde o mais importante é, e deveria ser, a escuta. Onde quase tudo se julga a partir da qualidade desta escuta. Porque sem escuta, não há discernimento. A escuta do Espírito que fala dentro de nós, a escuta do Espírito que também fala em cada uma de nossas irmãs e irmãos. Em todas as pessoas, não apenas naquelas que me parecem mais interessantes, que têm posições mais importantes, mais poder, mais influência ou pensam de uma forma mais parecida com a minha. É necessário escutar a cada pessoa e a todas as pessoas, e para escutar a cada pessoa é necessário criar aquele espaço interior que me permita acolher “a pessoa e sua palavra”, e com ela sua experiência, sua realidade, sua percepção das coisas e do Espírito que a habita e que dela quer sair ao meu encontro.

Esvaziar-me para que a escuta não se torne uma mera confirmação de meus preconceitos, um eco de minha própria voz.

COMO PODERÍAMOS LEVAR EM CONSIDERAÇÃO O MUNDO SEM ESCUTÁ-LO, SEM DEIXAR QUE CHEGUE ATÉ NÓS O SEU GRITO E AS SUAS NECESSIDADES?

A escuta – disse o Papa⁹– corresponde ao estilo humilde de Deus. Cada vez me parece mais importante esta atitude de humildade se pretendemos viver uma espiritualidade da escuta.

Deus deve ser o paradigma de nossa escuta. A Bíblia nos apresenta um Deus que escuta.

Ele escuta o clamor de seu povo, ele escuta sua queixa, sua palavra... e ao fazê-lo, ele os reconhece como seu interlocutor, como seu *parceiro*. Deus “inclina seu ouvido” para escutar o homem e se deixa afetar por esta escuta. O Deus onipotente e impassível torna-se passível, responsável ao escutar a voz de seu povo, a voz de sua criatura.

Jesus também nos revela esta humilde atitude de Deus que se deixa afetar, que se deixa mudar, que se deixa transformar pela escuta. O texto da mulher cananeia¹⁰, é um exemplo único desta escuta “certamente vulnerável”, que afeta e transforma. Uma pobre mulher, que entra em diálogo com Jesus que, a princípio, “a vê” a partir de seus preconceitos: é uma *sírio-fenícia*, uma pagã, ela não pertence àqueles a quem ele foi enviado. Mas quando ela fala, então o que Jesus vê “nasce de uma escuta”, e Jesus escuta humildemente. Por isso, a palavra da mulher também se torna para ele a presença do Espírito do Pai que o guia e o faz reconsiderar sua posição e seu propósito.

Não será possível para nós “ABRAÇAR A VULNERABILIDADE NO CAMINHO SINODAL” sem introduzir em nossa maneira de considerar a realidade uma escuta “vulnerável”. Porém, somente uma escuta humilde pode realmente nos tornar vulneráveis e, por isso, afetar-nos, mudar-nos.

Sem humildade, não há escuta. Sem escuta, não há caminho sinodal.

A escuta não pode ser feita de qualquer maneira. A disposição para uma “escuta autêntica” nos situa necessariamente:

- 1) “a partir de baixo”, neste sentido. Com a humildade de quem reconhece no outro, alguém de quem pode aprender, digno de ser escutado em profundidade... Alguém que pode lhe mudar. Com a humildade de Deus que desce para escutar... o Deus que “inclina o ouvido”.
- 2) A partir da “proximidade”. A escuta exige proximidade, evitando distâncias, permitindo-me ser tocada pela realidade do outro. A escuta é *“a capacidade do coração que torna possível a proximidade”*.
- 3) Por esta razão, a escuta também deve ser “a partir de dentro”. A verdadeira sede da escuta é o coração. *“Não tenha seu coração em seus ouvidos, mas seus ouvidos em seu coração”* - Santo Agostinho costumava dizer. Isto nos fala da profundidade necessária que toda a escuta deve ter. Trata-se de acolher a verdade do outro a partir do coração, do essencial... livre de perguntas superficiais... Escutar, deixando-se “afetar e comover” para que não só as ideias cheguem

⁹ O papa Francisco em Mensagem para a 56ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais: *Escutar com os ouvidos do coração*.

¹⁰ P. ALONSO, A Mulher que mudou Jesus: *cruzando fronteiras em Mc 7,24-30*, Peeters, Leuven 2011.

até nós, mas também a experiência, a vivência, o sentir da pessoa a quem estou escutando. Sem esse “a partir de dentro” nossa escuta nunca poderá ser misericordiosa.

Por esta razão, a escuta autêntica deve ser sempre precedida pelo “silêncio”. Este silêncio nos permite entrar em contato conosco mesmas, com a fonte da vida de nossa existência, colocar-nos em nossas entranhas, em nosso coração e esvaziar-nos de tudo o que nos impede, não tanto de escutar, mas de nos tornarmos “disponíveis para escutar”.

A escuta faz parte de nossa missão. “O serviço da escuta nos foi confiado por Aquele que é o ouvinte por excelência”, disse o Papa. O primeiro serviço que podemos prestar à comunhão é precisamente “escutar”. Bonhoeffer disse *que “aquele que não souber escutar seu irmão, não será capaz de escutar a Deus”*¹¹. E isso é algo que podemos fazer sempre, adultos ou jovens, pessoas ágeis ou com alguma dificuldade de movimento, sempre é possível escutar, gastar o tempo próprio na escuta do outro, levar em consideração a realidade, “escutando-a”.

Escutar como Deus nos escuta, escutar como Jesus nos convida a fazer: uma espécie de “*escuta que capacita o outro a falar*” (escutar para falar), e que na escuta mútua é transformadora¹².

Uma espiritualidade da escuta brota desta fonte: a perspectiva de um Deus que escuta, e escuta a todos, e escuta especialmente os “sem voz”, os mais vulneráveis, os que ficaram sem fala, e o faz despertando neles uma fala com poder, pois Sua escuta é sempre libertadora¹³.

Por esta razão “ser escutado”, ser BEM escutado, é sempre uma experiência de cura. A simples escuta cicatriza muitas feridas. Ela permite que aquele que é escutado, o ouvinte, reverta e recrie suas próprias narrativas como uma pessoa ferida e, a partir daí, encontrar caminhos de cura¹⁴, de sair do processo de vitimização, de encontrar novamente sua própria identidade e dignidade. Não por nossos conselhos, mas pela qualidade de nossa escuta, oferecendo aquele espaço humilde, mas próximo, onde é possível experimentar a si mesmo como refeito, curado, reparado.

¹¹ *Vida em comunidade*, Segue-me, Salamanca 2003, 92.

¹² Cf. NELLE MORTON, *O Caminho é a casa - The Journey is Home*, Boston 1985.

¹³ De tal forma que com STEPHANIE KLEIN poderíamos dizer que falar de Deus, o próprio anúncio evangelizador pode ser entendido como uma escuta, um renovado estilo de acompanhamento. Através de afirmar ainda que “o conhecimento teológico –prático, indutivo ou empírico– não surge da palavra de Deus, mas da escuta de Deus à teologia e da escuta desta, por sua vez, de outras mulheres”: VIRGINIA R. AZCUY, “O método qualitativo na teologia feminista. A experiência das mulheres e um diálogo com Stephanie Klein sobre a escuta”: *Perspectiva Teológica* 53/3 (2021) 671-700, aqui, 692. “Um anúncio entendido como uma forma de escuta e um receber ao outro/a como uma forma de animar a própria linguagem” em coerência além da sinodalidade que requer a escuta como prática fundamental da vida e missão da Igreja. *Ibidem*, 693.

¹⁴ O papa em Mensagem para a 56ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais: *Escutar com os ouvidos do coração*, Reconhecer com precisão alguns usos da ouvido que não se tratam de uma verdadeira escuta. Escutar à escondidas e espiar. Esse inteirar-se de tudo, quando não somos convocados a escutar. Armazenar informação, guardando seu uso para seu próprio interesse. Escutar-nos a nós mesmos quando os outros falam. Distorcer o que o outro diz, interpretando a partir de meus próprios pontos de vista, não deixando espaço para que o outro fale ou dizendo o que o outro não disse, ou não quis dizer. A escuta seletiva que vai preenchendo o que me interessa e só deixa espaço para o que se ajusta ao meu modo de ver. A escuta instrumental, utilizada como trampolim para fazer brilhar a minha resposta.

Somente comprometidos com uma espiritualidade da escuta podemos dar passos em direção à mudança sinodal pela qual a Igreja anseia, e levar em consideração a realidade abrindo-nos ao diálogo e ao discernimento, pois a escuta é a condição para a possibilidade de ambas.

b) *Espiritualidade do diálogo*

Uma espiritualidade sinodal precisa ser uma espiritualidade do diálogo. Porque se a sinodalidade nos fala de um “caminhar juntos”, a palavra “diálogo” (do grego diálogos: diáa/logos) em sua etimologia própria¹⁵ – traduz a ideia de “pensar/falar juntos” ou mais concretamente: “falar/pensar entre dois”.

Se se trata de “levar em consideração” a realidade caminhando juntos (sinodal), isto só poderá acontecer “em um falar/pensar entre aqueles que caminham juntos” (dialogal).

Apesar da importância da escuta, isto não é suficiente para que possamos falar de diálogo. Precisamos de um sujeito capaz de falar. Foi assim que fomos criados: ouvintes da palavra e capazes de responder ao que ouvimos.

O diálogo se baseia no poder e no mistério da palavra. Poder para dizer da realidade, para dizer de nós mesmas. A palavra é um dos instrumentos mais poderosos que temos para nos expressar, para abrir um caminho para exteriorizar nossa interioridade e, obviamente, para comunicar e dialogar.

Mas para que isso aconteça, a palavra tem que vir de dentro e ser a portadora da verdade que habita em nós. Por esta razão, a palavra é sempre acompanhada de gestos, o olhar, o tom da voz, que delinea as emoções que ela transmite, as experiências que pulsam sob os sons e os significados objetivos que são transmitidos, que são assim matizados e enriquecidos.

A palavra, para que seja uma verdadeira mediadora do diálogo, ela deve também “nascer da escuta”, e não principalmente da própria visão. A palavra é sempre um segundo momento.

E mais uma vez, devemos nos voltar para a humildade. Somente uma palavra humilde é capaz de entrar na construção de um diálogo. Uma palavra que, ao escutar, inicia um caminho de busca que, a partir de sua própria verdade, tenta co-construir com a palavra escutada uma nova palavra, uma palavra maior.

A palavra que dialoga não sai como uma flecha certa de atingir seu objetivo, mas se deixa moldar pelo que é escutado, se detém, espera pelo momento certo, sabe que está incompleta e, tateando e tremendo, tenta balbuciar o que, na conjunção da palavra escutada, da experiência vivida, e da comoção experimentada, emerge como resposta e que, de alguma forma, já não me pertence mais porque brota como resultado de um encontro e criação comum.

O diálogo é sempre a co-criação de uma narrativa que é diferente das narrativas dos sujeitos que se encontram. Uma palavra atenta à vida, à outra, e

¹⁵ diáa é uma preposição que significa por meio de, "entre", "através de", e por semelhança a dyo, também “dos” e Logos vem de legein, 'falar', porém também “pensar”.

a tudo o que acontece através dela é a que pode estar envolvida nesta construção e criar um verdadeiro diálogo que tenta gerar “algo novo”, numa narrativa comum e aberta, que passa pelas possíveis polaridades - nas quais tendemos sempre a nos acomodar -, sem nos determos nelas, tentando alcançar significados comuns que transformem as palavras em referências nas quais possamos confiar, pois elas adquiriram, após este encontro, uma resignificação na qual nos encontramos mais profundamente. Eles nos permitem assim olhar juntos a realidade, dizê-la, dizer a mesma coisa, e assim também “levarmos a realidade em consideração”. Neste sentido, a espiritualidade do diálogo é essencial para nós nesta caminhada sinodal.

Porém, para aprofundarmos esta espiritualidade, é preciso que assumamos o *risco do diálogo: “o risco de estar juntos”*.

Trata-se do risco de “*deixar-se afetar*”, que já começou com a escuta, porém não termina com ela, visto que não basta deixar-se comover, o acolher a diversidade do outro em ideias, motivações, argumentos, sentimentos e vivências... Esse “*deixar-nos afetar*” precisa nos transformar, “mover o chão em que pisamos”, nossas seguranças, nossas convicções. Não porque precisem ser convertidas ou mudadas, mas porque é preciso abrir-se à possibilidade que naquilo que eu compartilho, não vejo ou não entendo que possa existir algo de verdade. Trata-se de permitir que se adentrem em mim as perspectivas e vivências do outro que abram meu horizonte de compreensão, que me ajudem a entender outros modos de ler a realidade - essa realidade da qual queremos levar em consideração -. Esses “*outros modos*” não necessariamente podem ser melhores, porém nem piores. Em todo o caso, se sou capaz de deixar que entrem, enriquecerão meu horizonte e minhas perspectivas, e me farão capaz de dialogar.

Deixar-me afetar, supõe que eu seja capaz de co-sentir e co-padecer com o outro, de levar em consideração sua situação, sua visão e seus sentimentos.

Deixar-me afetar, adoça minhas posições e meus argumentos porque a perspectiva do outro, sinto que me interessa, diz respeito a mim e desejo compreendê-la, mesmo que não a compartilhe ou possa até vir a compartilhá-la, no todo ou em parte.

Deixar-se afetar, supõe admitir que, ao permitir ao outro e ao seu mundo de encontrar-se com o meu e entrar em diálogo comigo, exige abrir-se a uma possibilidade de *transformação*.

Sem assumir este “*risco de nos deixar afetar*” não podemos dialogar e sem abraçar este espírito de diálogo, jamais poderemos abraçar um modelo de vida sinodal.

UMA ÍCONE: Emaús. Um diálogo em caminho

«*Enquanto falavam e faziam perguntas, Jesus se aproximou e se pôs a caminhar com eles*». (Lc 24, 13)

O diálogo aparece aqui como um “lugar teológico”. O Ressuscitado torna-se presente “no espaço da palavra compartilhada”, na busca de respostas não encontradas e que permanecem como perguntas, na comunicação profunda que liga duas feridas, no “desespero” que provoca a fuga que, através do diálogo, se torna “saída” que, por sua vez, no “encontro reparador” se torna “retorno” à comunidade, à comunhão, e as transforma em “testemunhas da esperança”.

O diálogo é mostrado aqui como um espaço adequado para “a aparição do Ressuscitado”. Mas isto é possível porque o diálogo foi suficientemente aberto para acolher e incluir o estranho, o diferente, o desconhecido, e humilde, o suficiente, para escutar, não apenas o estranho que vem ao seu encontro e parece “não saber nada do que está acontecendo”, ou seja, alguém “sem conhecimento e sem experiência a respeito de sua vivência, referente ao “objeto”, do assunto de sua conversa”.

Eles foram “escutados” com empatia e atenção, por aquele que interrompeu sua conversa. E eles se abrem à escuta: sem preconceitos, sem críticas, sem arrogância. - o que este vai nos dizer? Ele, que nada sabe do que todos sabem, que nada sabe do que vivemos e presenciamos e que arruinou nossas vidas, nossos planos para o futuro, nosso amor e nossa esperança? -.

Eles, por sua vez, escutam com tanta humildade que tornam possível que a verdade emerga e abra espaço como uma novidade que se torna possível, quando se oferecem e se entregam as perspectivas pessoais e suas próprias leituras da realidade.

Escuta profunda. A do estranho que fala a partir de seu lado aberto - de sua ferida -. E a escuta dos discípulos de Emaús, que falam a partir da outra ferida que os expulsou de Jerusalém, da comunidade, do projeto sonhado e acarinhado com Jesus - desolados e sem esperança -.

Este diálogo, “a partir das feridas”, é restaurativo porque permite que a verdade surja, porque lança luz sobre o passado e esperança para o futuro, porque cria comunhão no presente.

Este diálogo é uma profunda acolhida do outro, a ponto de pedir-lhe que “fique”, que *“permaneça”*. É um diálogo empático e afetivo - *“faz o coração arder”* - e também cria vínculos que, por sua vez, buscam recuperar outros vínculos.

Na cena Emaús, testemunhamos como uma conversa se torna um diálogo, e ao fazê-lo:

1. Torna-se um lugar teológico
2. Lembra-nos que todo diálogo exige um movimento para fora e ao mesmo tempo uma abertura para incluir o “estranho”, o “diferente”, e para se situar com “humildade”, a partir do chão da vida e da proximidade, para poder finalmente fazê-lo “a partir de dentro”.
3. O diálogo exige o reconhecimento do outro, como “outro”, como pessoa: sua dignidade e sua capacidade de contribuir com algo para mim.
4. Um verdadeiro diálogo exige um relacionamento profundo, que, a partir do próprio conhecimento e da profundidade de si mesmo, dirija-se ao interior do outro. Um diálogo é sempre uma relação de coração para coração. Será ainda mais autêntico quando a comunicação se estabelece a partir da vulnerabilidade comum. O peregrino conecta sua ferida (já

ressuscitada, mas ferida) com o coração ferido dos peregrinos de Emaús. O encontro a partir de nossas vulnerabilidades torna possível um diálogo mais profundo, mais autêntico e mais capaz de gerar “novidade”.

5. O diálogo cria um novo espaço onde é possível recriar os significantes, não só das palavras, mas também das experiências, emoções, situações, pontos de vista... Este espaço é um “entre” que é chamado a caminhar em direção a um “nós” e a tornar este “nós” cada vez maior. Neste “entre” é possível “pensar juntos”, gerando um olhar, uma visão comum para o mundo e para um projeto comum.
6. Finalmente, um diálogo assim é essencialmente restaurativo: restaura a identidade perdida, transforma a tristeza do fracasso em alegria, o percurso sem esperança em retorno e anúncio; transforma a vergonha e o medo em testemunho. O diálogo muda seu olhar, sua visão dos fatos e a realidade ilumina-se com uma nova luz e tudo se torna novo.

c) *Espiritualidade do discernimento*

A espiritualidade sinodal nos convida a levar em consideração o mundo através da escuta e do diálogo, e é por isso que falamos de uma espiritualidade de escuta e diálogo que exige, por sua vez, a atenção e o olhar do coração que todo discernimento requer, para que juntos, possamos realmente levar em consideração a realidade.

Por que a espiritualidade sinodal deve ser uma espiritualidade do discernimento?

A razão é muito simples. Não podemos levar em consideração o mundo, juntos, no caminho de comunhão universal - que é o objetivo deste processo de mudança sinodal - simplesmente através de acordos, sondagens sobre o que a maioria pensa, tateando sobre os pontos de coincidências... Se estamos dispostas a viver uma espiritualidade de escuta e diálogo, considerando os pontos exigentes de que falei, esta escuta e diálogo são chamados a estar abertos ao Espírito e a permitir que a novidade nascida do “entre” dialógico seja permeada pelo Espírito, que o diálogo se torne consciente e explicitamente um lugar teológico que inclui o Outro, com letras maiúsculas, que acolhe e hospeda o Espírito que desce sobre este “entre”, ao mesmo tempo em que emerge a partir deste “entre”, tornando possível um verdadeiro discernimento espiritual na busca de formas concretas de “levarmos em consideração” o mundo.

O Espírito que guia o caminho sinodal é o Espírito do Pai que, como a Jesus, o guia estando “acima dele”. Mas é também o Espírito de Jesus, que habita nele e o move “a partir de dentro!”. Este Espírito que nos foi dado como corpo, como igreja, e também como batizados. Portanto, nesta caminhada, nós que cremos temos que tomar consciência dessa presença que nos guia e ilumina a partir de cima (daquele que inclina seu ouvido e desce) e daquela presença que habita em nós como um Corpo, e habita em cada um de nós e que através do discernimento - como ponto de chegada de um processo que começou na escuta

e no diálogo -, permite-se agora, definitivamente, encontrar nesse “entre” co-criado entre todos.... abrindo-nos para uma luz e uma novidade que se confirma e se expande, sustenta e fortalece, ilumina e consola, e torna viável o Próximo Passo Possível neste caminho sinodal.

A espiritualidade sinodal é uma espiritualidade de discernimento comunitário, na qual cada um de nós somos convidados a entrar, precisamente através da escuta e do diálogo com os outros e com o Outro que habita e nos visita através do Espírito, que é sempre o Espírito de Comunhão no Amor, porque essa é a tarefa do Espírito na vida divina.

Viver uma espiritualidade de discernimento é saber que temos que fazer o máximo para torná-la possível e, ao mesmo tempo, estar convencidas de que não nos será negada a luz que nos permita a “clareza suficiente” para avançar, dando “o próximo passo possível”, a partir da alegria de saber que estamos buscando juntos, e recebendo juntos, algo que não está em nossas mãos, mas em nossa disposição de nos deixar-nos visitar simultaneamente pelo Espírito que clama - tantas vezes com gemidos inefáveis - a partir do interior, de dentro de cada uma de nós, a partir do interior da história e dos acontecimentos, e também a partir da criação! e que nos fala de uma maneira particular e decisiva, descendo até aquele “entre” que é fruto de nossa desapropriação e de nossa entrega.

O discernimento deve ser nosso guia nesta caminhada sinodal, para que não deixarmos de avançar em direção a este “próximo passo possível”, que será pequeno, trabalhoso e difícil, mas que nos dá plenitude, identidade e consolo: o de caminhar juntos, de construir comunhão e fortalecer vínculos, laços, enquanto “buscamos os comos” deste chamado para levarmos em consideração a realidade.

Uma realidade que, sem dúvida, também está habitada por muitos e muitas que não compartilham nossa fé, ou nenhuma fé, mas que caminham conosco pela vida e também habitam esta realidade, e que deveriam, igualmente, estar neste “entre”, e que podem ser para nós, mediadores do Espírito.

Quanto mais ousamos percorrer novos caminhos, mais enraizados precisamos estar em nossa própria tradição e, ao mesmo tempo, mais abertos aos outros e às suas tradições. Não para negar nossa própria tradição, mas para enriquecê-la, para alimentá-la, para confrontá-la com instâncias críticas que podem ser a causa de um maior aprofundamento, ou instâncias críticas que nos convidam a novas conversões.

E fazê-lo “todos”, abraçando a diferença e fugindo da indiferença generalizada, que pretende converter em geral e universal, o que não é, ocultando e tornando inacessível a existência do diferente. Isto impede que tantos - e sobretudo tantas - não se reconheçam em sua identidade, nem em suas experiências... nestas ditas generalizações, perdendo-se o específico que poderiam aportar como se fosse algo inexistente¹⁶.

¹⁶ STEPHANIE KLEIN, *Teologia e Pesquisa Biográfica Empírica. Abordagens metodológicas para a história da vida e da fé e seu significado para uma teologia experiencial* (Praktische Theologie 19), Kohlhammer, Stuttgart 1994, 64: “por trás das generalizações desaparece a origem de um conhecimento conformado à medida do androcentrismo”.

Daí o apelo a um verdadeiro discernimento da presença de teorias limitadas e contextuais, que se desenvolvem a partir da escuta de experiências concretas, de formas de acesso à realidade “impotentes”, mas que poderiam ser de grande fecundidade... e que geralmente são sufocadas, reduzidas e escondidas pela parcialidade “supostamente universalista” de um universo masculino, ocidental, teórico, rico e poderoso¹⁷.

Tudo isso exige no processo de discernimento uma “grande abertura” de Espírito, também ao Espírito presente na diversidade das “pequenas narrativas” das minorias, daqueles que são diferentes...

Trata-se de discernir junto com o Deus que fala, mas que também escuta e provoca uma palavra viva que transmite através das vidas “mais vulneráveis e fragilizadas” (as mais pobres, as marginalizadas, as descartadas e, é claro, as mulheres) estimulando o surgimento de uma linguagem nova, mais inclusiva, mais diferenciada, mais matizada e “mais perigosa”.

Somente quando o universal é pensado incorporação da “diferença”, faz-se justiça ao que é diferente e podemos dizer que estamos realmente caminhando juntos em direção àquela comunhão que só pode ser pensada à imagem da vida do Deus Trinitário, um na diferença das pessoas.

Se a espiritualidade sinodal exige que caminhemos juntos e pensemos juntos, a fim de discernirmos juntos, isso terá que ser feito incorporando as diferenças, e também abraçando os pequenos relatos das minorias, não apenas as narrativas, os relatos dos dominantes.

d) Espiritualidade do cuidado: ternura, cuidado e reparação

A próxima característica da espiritualidade sinodal, à qual vou me referir, tem a ver mais diretamente com o convite para abraçar a vulnerabilidade, que é o lema da Assembleia. Trata-se, agora, de tomar consciência de que a realidade da qual devemos levar em consideração é uma realidade vulnerável e, de fato, violada em praticamente todos os seus âmbitos. Precisamos ter consciência de que somos criaturas, frágeis, falíveis... Escrevo estas páginas num momento em que a Ucrânia está sendo bombardeada e invadida, quando milhares de homens e mulheres se tornaram recentemente deslocados, forçados a deixar suas casas (ou os escombros aos quais foram reduzidos), abandonar suas terras e suas esperanças para fugir em direção a um futuro muito incerto. Digito estas páginas enquanto as tentativas de diálogo fracassam repetidamente, e as palavras parecem ser inúteis porque se contradizem, e inflamam ainda mais o medo e a desconfiança. Numa época em que todos os nossos interesses são confrontados com o desejo de uma ajuda que nunca se concretiza. Neste contexto de guerra e violência, de ferimentos, ruptura e morte, este chamado para “levar em consideração” e “responsabilizar-se”, tentando aliviar o fardo dos outros torna-se mais claro; o chamado para “encarregar-se” de tantos homens e mulheres que estão sofrendo em nosso mundo hoje. E fazê-lo, cientes

¹⁷ Ibidem.

de que nós também somos vulneráveis, também somos feridas, e também somos capazes de ferir.

Estamos, igualmente, em um momento eclesial, por um lado, tão cheio de esperança de que, realmente, somos capazes de nos envolver neste processo e de desafio que a sinodalidade nos coloca e, por outro lado, tão ferido pela questão dos “abusos”.

Nesta situação há duas palavras que se tornam especialmente significativas para mim nesta tarefa que é a espiritualidade - “levar em consideração” - e neste propósito de incluir a “sinodalidade” em nosso modo de estar no mundo e na Igreja: proximidade¹⁸ e cuidado¹⁹.

A “proximidade” é um bom antídoto para a *indiferença*, e o “cuidado”, a contraface do “*abuso*” em suas múltiplas formas, assim como uma das mais belas maneiras de levar em consideração os outros, a realidade, a natureza e a nós mesmos.

Um cuidado que se distancia tanto do “paternalismo” quanto do “clericalismo”, pois longe de entrar em contato com o outro como sujeito passivo, é um estímulo, uma provocação de palavras e decisões, uma fonte de confiança, um possibilitador de autonomia.

O cuidado está relacionado à ideia de sustentabilidade, entendida num sentido de substantivo. Não se refere apenas a questões ecológicas, energéticas e de recursos naturais. A ideia de sustentabilidade nos lembra que falar de cuidado não é falar de um ato isolado, mas de algo que deve ser sustentado ao longo do tempo, e que requer uma mudança na relação com o sistema da natureza, o sistema de vida e o sistema Terra.

O cuidado também assume maior importância por causa de sua relação com o amor. É, na realidade, nossa capacidade de amar o que se coloca em questão quando não cuidamos, porque aquilo que amamos, nós cuidamos; e é por isso que o cuidado é fruto do amor: “nós cuidamos do que amamos”²⁰.

Daí a importância para uma espiritualidade sinodal de ativar uma espiritualidade do cuidado sustentável que nos ajude a reinventar um novo modo de estar no mundo com os outros, com a natureza, com a Terra e com a Realidade Última, com Deus²¹.

Mas no concreto, o que a perspectiva de “cuidado” pode aportar à sinodalidade?

A cada dia estou mais e mais convencida de que um modo sinodal de ser Igreja, de se relacionar uns com os outros, na Igreja, e de viver a *missio Dei*, a partir da

¹⁸ J. M. Esquirol, *A resitência íntima. Ensaio de uma filosofia da proximidade*, O Abismo, Barcelona 2015.

¹⁹ F. Torralba, *Antropologia do cuidar* (1998) e *Ética do cuidar* (2002).

²⁰ “Sim, “ser espiritual é despertar a dimensão mais profunda que há em nós, que nos faz sensíveis à solidariedade, à justiça para todos, à cooperação, à fraternidade universal, à veneração e ao amor incondicional; e controlar seus opostos”, então a espiritualidade que nos conecta e re-conecta com todas as coisas, a que nos abre à experiência de pertencer ao grande Todo e faz crescer na esperança de que o sentido é mais forte que o absurdo. Cf. L. BOFF, *O cuidado necessário*, Trotta, 2012.

²¹ Uma nova maneira de levar em consideração a realidade que parta de um aprender a ser mais com menos e a satisfazer nossas necessidades com sentido de solidariedade com as milhares de pessoas com fome e com o futuro das gerações vindouras.

Igreja, envolve um compromisso convicto de fazer do “cuidado” nosso modo específico de “levar em consideração a realidade”.

Trata-se, como já disse, de uma categoria com vocação de converter-se em um novo paradigma para um mundo que mostra sinais de esgotamento e exaustão, consumido pelas consequências violentas e degradantes nas quais nos mergulhou o paradigma do “sucesso-poder”.

Trata-se de um conceito multifacetado, com a capacidade de se conectar com praticamente todas as ordens da realidade.

- 1) *Cuidar de nós mesmas*, de nossa interioridade, de nosso “espírito”, de nossas feridas e fraturas, a fim de sermos livres e disponíveis para cuidar dos outros.
- 2) *Cuidar de nossa relação com Deus*. Cuidar de nossa conexão com a fonte da vida, com Aquele que cuida de nós, enraizando nossa confiança e nossas esperanças nEle, descarregando, desabafando nossas preocupações com Ele, a fim de poder “levar em consideração” a missão que Ele deixa em nossas mãos.
- 3) *Cuidar dos vínculos com os outros*, mas também cuidar do tecido social. O cuidado não tem a ver apenas com as relações interpessoais, mas é um conceito com uma profunda dimensão política. De fato, já se fala em “cidadania”. A pandemia expôs não apenas nossa vulnerabilidade, mas também a importância das redes de cuidados que sustentam nossa vida social. O compromisso com o “cuidado”, deveria afetar, também, nossas relações intra-ecliais, e supões, em todo caso, uma desconstrução do paradigma da auto-suficiência e dos acordos autodefensivos ao cuidado, visto como uma exigência política²².
- 4) *Cuidados da terra*. A casa comum que também somos chamados a levar em consideração, a cuidar.

Aqui vou me deter em três termos que apontam para três disposições existenciais que poderiam se tornar eixos fundamentais para introduzir a espiritualidade do cuidado²³ na espiritualidade sinodal: ternura, custódia, reparação-reconciliação.

Ternura: como uma relação de cuidado que gera confiança (uma base imprescindível que sustenta qualquer vínculo e sem a qual seria impossível

²² PEPE LAGUNA, «Cidadania»: cuidados que sustentam a vida. *Pais e Professores* 386 (2021) 12-17. "A transição do paradigma da cidadania para o do cuidado requer pelo menos três mudanças essenciais: uma antropológica, da auto-suficiência para a vulnerabilidade; uma ética, da moral formal para a ética responsiva; e finalmente, uma mudança sócio-política, do cuidado como virtude benevolente para o cuidado como exigência política".

²³ Qualquer que seja o modo de cuidado que devemos ativar a qualquer momento, ele é sempre uma arte e tem suas exigências: Respeito escrupuloso pela autonomia do outro. Conhecimento e compreensão das circunstâncias do assunto tratado. Análise de suas necessidades. A capacidade de antecipar. Respeito e promoção da identidade do sujeito atendido. O autocuidado como garantia de cuidado correto. Conexão empática com a vulnerabilidade do outro. Cf. F. F. TORRALBA, *Torralba, Ética del cuidar. Fundamentos, contextos e problemas*, Institut Borja de Bioètica/ Mapfre Medicina, Barcelona 2006. *Ibid.*, *Essência do cuidado. Sete teses*. Sal Terrae, Santander-Bilbao 2005, 885-894.

realizar qualquer projeto sinodal) e ainda mais necessária por causa de nossa condição de seres vulneráveis.

A vivência da ternura é algo que todo ser humano experimenta no início de sua vida através do que é conhecido como ternura tutelar ou diatrófica, ou seja, a relação primordial de amor que é desencadeada entre a figura tutelar (de quem cuida) e o recém-nascido nos primeiros meses de vida. É assim chamado porque a linguagem da ternura é o único meio disponível para a mãe transmitir o impulso amoroso e tutelar que a inclina em direção ao seu filho. A ternura constitui-se, assim, uma relação que se estabelece entre quem dá e quem o recebe, construída com base numa experiência de acolhida incondicional que possibilita uma resposta de absoluta confiança e “abandono total”.

A. Spitz define a ternura como “uma capacidade maior de dar-se conta e perceber as necessidades anaclíticas da criança tanto consciente como inconscientemente e, ao mesmo tempo, de perceber um impulso (Drang) para ser de ajuda nessa necessidade”.

Grande parte da força desta categoria fundamenta-se no processo biológico de origem. Através desta ternura, vai se forjando na pessoa o que Erikson denomina de “confiança básica”, que é essencial para o desenvolvimento de um eu saudável. A confiança básica é formada quando a criança aprende a confiar naquela figura tutelar que, através da ternura, proporciona segurança e está atenta às suas necessidades. Mas, acima de tudo, ela permite que a criança se sinta amada e, portanto, digna de amor²⁴, contribuindo para o desenvolvimento de um eu forte e de uma auto-estima saudável. Além disso, cresce como um padrão relacional, de modo que a segurança adquirida nesta primeira relação possibilite que a criança se aproxime positivamente de outras relações, assim como tenha uma visão aberta e confiável do mundo.

A importância da ternura continua durante toda a vida, pois nossas trocas diárias de ternura servem como uma renovação contínua da confiança básica, já que as pessoas não podem se alimentar para o resto de suas vidas sobre a confiança estabelecida na primeira infância.

A confiança básica proporciona uma segurança ontológica que permite que as pessoas possam entrelaçar suas ansiedades sobre a imprevisibilidade do ambiente social e lidar com situações de incerteza. A ternura dada e recebida ao longo de nossas vidas manterá esse nível de confiança tão essencial em nossa existência e também será essencial para equilibrar a agressividade, para ativar nossa capacidade de integração, de incorporação na sociedade,

²⁴ WINNICOTT WINNICOTT foi pioneiro em apontar a importância deste cuidado amoroso primário com o termo "cuidado materno suficiente": D. W. WINNICOTT, *A casa, nosso ponto de partida. Ensaio de um psicanalista*, Paidós, Barcelona 1996, 145. A dinâmica particular da ternura dentro da família influencia as formas de confiança inculcadas na criança. Uma mãe que atende ternamente às necessidades de seu bebê cria um ambiente favorável que produz "na criança um alto grau de confiança em sua mãe" *Ibidem*, 36. Sobre esta confiança fundacional estabelecida no lar, são construídas relações com a família estendida, vizinhos, colegas e a sociedade em geral: JOHN BOWLBY, "Psicanálise como arte e ciência", *Higher Education Quarterly* 35/4 (setembro de 1981) 465-482, aqui 414.

tornando possíveis relações saudáveis e até mesmo exercendo funções curativas²⁵.

Além disso, nós *cuidamos como temos sido cuidados*. Daí a importância da ternura no núcleo familiar na origem da vida, mas não menos nossa experiência de termos sido amadas com ternura por Deus. Em última análise, a primeira relação que nos une a ele é uma relação de ternura, d'Aquele que nos dá a existência, para nós suas criaturas: sua maneira de cuidar de nós, a experiência de que ele nos sustenta, é nosso apoio, nossa rocha e nosso refúgio... Esta relação com um Deus de ternura que cuida de nós, nos acolhe e nos sustenta como uma mãe amorosa, nos dá esta experiência fundamental de sermos cuidadas com ternura e a possibilidade de reproduzi-la em nossas relações.

Neste sentido, a ternura como forma de cuidado pode se tornar um elemento essencial para viver na chave da sinodalidade, uma vez que todo o tecido relacional é sustentado com base na confiança. Será essencial fortalecer os laços de confiança para entrar na proposta sinodal que nos foi feita pela Igreja. Confiar uns nos outros. E para crescer nessa confiança, a ternura é um instrumento poderoso e ao mesmo tempo exigente, pois não estamos falando de uma pseudo-ternura cheia de ambigüidade ou de doçura barata. Verdadeira ternura

- exige que demos atenção ao outro, às suas necessidades e possibilidades, com um cuidado primoroso de não ir além do que ele quer e precisa... a ternura... - como o carinho, uma de suas mediações mais comuns -, se se apegamos ou tenta possuir, transforma-se em impulso e em agressão...
- ativa em nós, ao mesmo tempo, o impulso do cuidado, o «impulso diatrófico ou tutelar» que é a tendência para amparar os fracos, para ajudar ou para proteger, adiando nossas próprias necessidades para atender às necessidades do outro...
- dá segurança e proteção, mas o faz de forma que é capaz de promover, com a acolhida, a abertura, a liberdade e o risco.
- exige proximidade e ao mesmo tempo a distância reverente que o outro necessita para não se sentir fechado, mas para se sentir encorajado.
- confirma-nos em nossa individualidade e, ao mesmo tempo, cria laços de pertença.
- volta-se mais espontaneamente para aqueles que mais precisam, os mais frágeis, os mais pequenos, os mais solitários, os mais marginalizados, os mais isolados.

Ativar em nós a ternura, como estilo relacional no modo de “levar em consideração a realidade”, de cuidarmos dos... pode ser uma das contribuições que a espiritualidade do cuidado possa trazer à sinodalidade²⁶.

²⁵ Cf. NURYA MARTÍNEZ-GAYOL, *Um espaço para a olhar a ternura a partir da teologia* (Biblioteca Teologia Comillas), Desclée de Brouwer, Bilbao 2006.

²⁶ Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir especialmente um testemunho de comunhão fraterna que seja atraente e resplandecente. Que todos possam admirar como cuidam uns aos outros, como se sustentam mutuamente e como caminham juntos: “Nisto reconhecerão que vocês são meus discípulos, no amor que têm uns pelos outros” (Jo 13,35). (EG 99)

Custódia

O termo «custodiar»²⁷ faz referência à responsabilidade que o Criador dá ao ser humano, convidando-o ao cuidado e à proteção da terra²⁸. Somos chamados a louvar - como assinala a LS - ao Criador e, junto com Ele, a cuidar, a sustodiar Sua criação²⁹. Porém, “custodiar” também significa “Proteger algo ou alguém com cuidado e vigilância” (RAE). Fala-nos de dar proteção, de dar segurança..., mas também do reconhecimento daquilo que deve ser preservado como valioso, como digno de atenção. Tem relação com a terra, com esta casa comum que deveria ser um ambiente acolhedor e hospitaleiro para todos; uma fonte de vida, mas também uma *fonte de identidade*, porque a terra em que vivemos, a terra onde nascemos, sua geografia, seu clima..., tudo isso nos molda e nos dá identidade. E todos nós temos direito a ela.

Custodiar a terra é cuidar dela para que cada lugar, cada espaço possa ser uma lugar comum para todos. E para evitar que a depredação destrua áreas naturais e, com elas, além das possibilidades de vida para muitos homens e mulheres, das identidades peculiares.

Custodiar é também preocupar-se uns pelos outros, pois cada “outro” também é confiado à custódia do ser humano, ao cuidado da humanidade, e é uma responsabilidade que nos afeta a todos. Devemos ser os cuidadores uns dos outros e também os cuidadores de toda a criação. (cf. LS 236).

Reparação:

O cuidado deve caracterizar-se por ser eficaz, por resgatar adignidade e por resultar em reconciliação³⁰. Para que a sinodalidade, entendida como o modo eclesial de ser e de agir, dignifique a todo ser humano, será preciso vivê-la a partir do cuidado, e de um modo particular do cuidado do que, na verdade, já está violado (pessoas, situações, relações). Daí que o cuidado se torne ante o ferido, o machucado, o fragmentado... num chamado a curar³¹, a reparar. A

²⁷ Ela deriva da palavra "custodia" do latim custodia: guarda, salvaguarda, qualidade ou ação de guardar e proteger. Esta palavra deriva de custos, custodis- (guardião, aquele que representa como proteção ou cobertura para algo).

²⁸ A criação não é um patrimônio humano, é uma realidade sagrada que revela o mistério de Deus. Deus fala através de cada criatura e, em cada criatura há um traço da eternidade de Deus.

²⁹ “A vocação de custodiar”, diz o Papa Francisco, “não só nos diz respeito a nós cristãos, mas tem uma dimensão que a precede e que é simplesmente humana, diz respeito a todos”. É custodiar toda a criação, a beleza da criação, como nos é dito no Livro do Gênesis e como nos mostra São Francisco de Assis: é ter respeito por todas as criaturas de Deus e pelo ambiente em que vivemos (19 de março de 2013): Homilia Santa Missa no início de seu Pontificado.

³⁰ É assim que é apresentado em, ALBERTO CANO ARENAS - ÁLVARO LOBO ARRANZ, Mais que saúde. Cinco chaves de espiritualidade inaciana para ajudar na enfermidade, Sal Terrae, Maliaño 2019, 100-106.

³¹ Cuidado e cura são dois termos que são etimologicamente muito próximos. Na verdade, “cura” deriva do latim “curare”, que significa: “cuidar, preocupar-se”. O cuidado, por outro lado, tem o significado de “prestar atenção a algo ou alguém” e vem do latim cogitare.

“Cuidar” seria o conceito mais amplo, que de certa forma abraça a “cura” que, por sua vez, engloba a ideia de cura, cura e salvação... mas que se refere mais diretamente a uma situação anterior de lesão, dano, ruptura, enfermidade que clama por ser restaurada.

espiritualidade do cuidado, de uma maneira particular, nos convida a dar especial atenção amorosa aos oprimidos, aos prejudicados, aos feridos, aos desesperançados; a edificar e reconstruir as pontes de relações que foram destruídas e a fazer isso com eficácia.

O chamado que estamos vivendo neste momento histórico para uma conversão à sinodalidade, mais concretamente, está ocorrendo numa Igreja muito pluralista, onde existem sensibilidades muito diferentes - mais ou menos simpáticas a este projeto - e que tem uma história de tentativas fracassadas, de mal-entendidos, e não poucas feridas....

Se pretendemos levar em consideração a realidade, *a Missio Dei*, como Igreja com um modo de ser e de agir sinodal, não podemos deixar de «incluir a todos» e considerar as feridas. Se queremos abraçar nossa vulnerabilidade, então não podemos esquecer que se trata de uma vulnerabilidade que é vulnerável, e que as feridas tendem a ser protegidas com mente fechada, violência e agressão. Daí a necessidade de redobrar o cuidado, cuidado cheio de ternura, mas também cuidado que seja restaurativo. O cuidado que se aproxima do outro para “tomar sobre si sua situação”, assumindo o risco do perdão, aproximando-se da dor que terá que aliviar, procurando construir pontes em situações de ruptura, a reunificação do que está disperso, a cura das feridas para restabelecer um tecido de confiança tantas vezes machucado, rompido, sem o qual será impossível entrar na aventura da sinodalidade.

Abraçar a partir de baixo, a partir de dentro, a partir da humildade, para que este abraço possa ser curativo e restaure as relações quebradas ou danificadas que carregamos em nossa história. Abraçar o risco do perdão, para tornar possível a reconciliação³².

e) Espiritualidade da resistência paciente ou paciência resistente

A espiritualidade sinodal só pode ser uma espiritualidade cheia de *hypomoné* (*paciência*). Este é um termo bíblico que dá um nome à paciência, à resistência, ao suportar, à permanência e ao apoio como dimensões próprias da esperança, a ponto de o NT substituir o termo grego *elpis*, para referir-se à esperança a partir dos LXX, por *hipomoné*, quando se refere à esperança vivida no aqui e agora, em situações de dificuldade.

Escolhi enfatizar esta dimensão, em vez de falar de esperança em geral, porque acredito que ela reflete *uma disposição muito necessária em nosso momento eclesial*, e porque o caminho sinodal exigirá muita paciência - *hypomoné* - daqueles que desejam percorrê-lo.

O caminho sinodal é um caminho de conversão, de mudança, de abandono de caminhos e estruturas que nos deram segurança, mas que se tornaram, em

³² “A cultura do cuidado, como compromisso comum, solidário e participativo para proteger e promover a dignidade e o bem de todos, como disposição para cuidar, dar atenção, ter compaixão, proporcionar reconciliação e cura, respeito mútuo e aceitação, é uma forma privilegiada de construir a paz”: FRANCISCO, Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do 54º Dia Mundial da Paz, 01/01/2021.

algumas ocasiões, infrutíferos, em outras, obstáculos se pretendemos avançar na sinodalidade, juntos em busca de formas mais participativas e inclusivas, que nos permitam caminhar “com todos”, e “com todos” para levar em consideração a realidade.

Caminhar juntos os “diversos”, os diferentes, com diversas experiências de vida, no encontro de uma grande pluralidade de culturas, de sensibilidades, de perspectivas e visões...

Caminhar juntos, atentos às necessidades dos outros, cuidando deles ao mesmo tempo em que cuidamos da realidade, para dar o próximo passo possível sem a pressa das urgências, os freios das dúvidas, ou os obstáculos das dificuldades consigam dispersar ou quebrar aos que caminham juntos, em sinodalidade.

Daí a necessidade de que a espiritualidade sinodal seja uma espiritualidade da paciência resistente, ou da resistência paciente, cheia de persistência e tolerância, como paixão sustentada, como um fogo ardente que persiste apesar dos ventos que tentam sufocá-la.

A *hypomoné* está, portanto, situada nos opostos da resignação.... “... é essa paciência no sofrimento... que nos dá esperança em Jesus Cristo nosso Senhor” - como nos lembra Paulo em 1 Ts 1,3 -.

Não se trata de algo passivo, é sempre ativa, porém com uma ação que é sustentável, fortaleza, resistência ativa e perseverante, e supõe “tomar uma posição” diante da adversidade. Porque é precisamente ali, na adversidade e na provação, onde se exercita a paciência.

- Este apelo à “paciência” é um desafio à nossa “impaciência”, àqueles que são tentados a pensar que têm esperado o suficiente, que isso não muda, que não estamos dando passos rápidos e decisivos o suficiente em direção à sinodalidade, que isso não será alcançado... àqueles que não têm paciência consigo mesmos, que estão voltados sobre si mesmos e não resistem aos seus próprios limites e fragilidades... a uns e outros... “*hypomone*”.
- É um chamado para aqueles que não compreendem o *hypomone* de Deus, sua infinita paciência conosco, para aqueles que esperam uma intervenção divina radical, que coloca todos em seu lugar. Para aqueles que querem, muito rapidamente, separar o trigo do joio, julgando quem são ou não chamados para o processo sinodal.
- Mas é também um chamado aos “resignados”, aos cansados, aos desapontados, aos desiludidos. Para aqueles que são tentados a desistir por causa da inutilidade de seus esforços, por causa da falta de sucesso, porque a caminhada sinodal não vai conseguir mudar nada... para estes também paciência, “*hypomoné*”.

A sinodalidade exige especialistas em “paciência”. Pede-nos para sermos mulheres cheias de *hypomoné*, capazes de permanecer, de suportar os tempos escuros, os mal-entendidos de muitos, os passos curtos de outros, a falta de luz, os retrocessos... Em muitos aspectos, dentro da Igreja, a vida religiosa já fez uma certa caminhada sinodal “*ad intra e ad extra*” - ainda incipiente, ainda com um longo caminho a percorrer - mas há progressos. Um caminho de maior participação e escuta, de passar gradualmente a responsabilidade por muitos de nossos trabalhos para os leigos, de integrá-los nos processos de decisão... e

também entre nós (mais escuta, mais corresponsabilidade, mais circularidade em nossas formas de proceder, mais pesquisa conjunta...). Meu sentimento é que este caminho no nível do clero é - com honrosas exceções - mais novo, mais difícil e, portanto, mais lento. Precisamos de uma resistência paciente para nos harmonizarmos ao ritmo de seus tempos densos e lentos.

A ideia de “resistência” está sendo recuperada nestas últimas décadas na filosofia³³, traduzindo bem o conteúdo da paciência - *hypomoné* - bíblica.

A espiritualidade sinodal precisa de mulheres cheias de paciência - *hypomoné* -, mulheres resistentes com a alegria da esperança em seus lábios.

- Resistência às dificuldades e conflitos que este processo de conversão sinodal, sem dúvida, trará consigo.
- Resistência à precariedade e aos limites de nossa própria condição humana.
- Resistência aos obstáculos que nossas pretensões sinodais encontram.
- Resistência como “suporte”, mas acima de tudo “resistência como força”, como fortaleza diante dos processos de desesperança, desintegração e corrosão provenientes, às vezes do ambiente, às vezes de nós mesmas...
- Resistência diante da frustração, projetos quebrados, metas não alcançadas... diante de tentativas fracassadas de avançar, de mudar... em nível pessoal, assim como em nível comunitário, institucional ou eclesial...
- Resistência diante de tentativas de permanecer imóvel, de deixar tudo como estava... que tentam nos convencer da inutilidade de nossos esforços e pretensões; mas resistência também diante da preguiça e negligência que também pode bater em nossas portas, insidiosa, tentando nos convencer de que estamos perdendo nosso tempo, que já lutamos o suficiente e que agora outros devem lutar...
- Resistência às ondas culturais que nos tentam com propostas mais individualistas, em busca de auto-realização e realização pessoal, em um substituto para a existência que supostamente dá felicidade, entendida como realização individual, conquista e sucesso.
- Resistência também como uma pausa, uma formação e profundidade que nos dá espaço para discernir e permanecer... mesmo quando parece que nada e ninguém dá passos em direção ao que é discernido.
- Resistência como um lugar, como um espaço no qual é possível acolher e dar hospitalidade àqueles que não aguentam mais, àqueles que estão desencantados, àqueles que ficaram sem forças para lutar...
- Resistência à polarização que nos cerca, tentando chegar a posições extremas que nos distanciam, sufocando a paciência e transformando-a em radicalização violenta em direção ao contrário. Resistência ao pensamento sem nuances e sem tom, para quem as coisas são preto e branco. Resistência à tentação de elaborar sínteses apressadas que superficialmente parecem fáceis, mas que no fundo não satisfazem ninguém porque nascem de um artifício que carece de escuta, diálogo e discernimento. É preciso resistir no paradoxo, na dificuldade de unir opostos, na dissonância que procura abraçar sons em uma nova harmonização, que se sustenta na perplexidade do que parecem ser pensamentos contrários mas que são chamados a enriquecer a visão da realidade e nos pedem para viver nesse equilíbrio instável que não descansa

³³ JOSEP MARÍA ESQUIROL. *A resistência íntima*, Abismo, Barcelona 2015.

em nenhum pólo, para não eliminar o oposto... até encontrarmos o caminho da inclusão.

- Este tipo de resistência é um convite a viver “afinando os sentidos”, “atentas” à realidade, ao que está acontecendo. Resistir é “tomar consciência”, viver “em vigilância” - vigiar e rezar, nos diz o “resistente por excelência” no Getsêmani, numa hora que certamente foi calamitosa para Jesus -.
- A paciência resistente é o que nos permite “permanecer” aconteça o que acontecer, sabendo que nosso sonho de uma comunhão sinodal não é absurdo, nem nossos esforços são estéreis, apesar de não saber, de não ver como e quando dará frutos, de não saber onde e quando germinará. Esse permanecer é o que fará com que seja sustentável este espírito de sinodalidade. O permanecer não permitirá que esta tentativa seja um belo esforço de dois anos, após o qual tudo volte ao seu lugar, mas sim aposta em pequenos passos que permanecem e esperam pacientemente o próximo passo.

É por isso que não há paciência duradoura, resistente, sem humildade e generosidade. A presunção e o egoísmo incapacitam a resistência. O resistente sabe que resiste não só para si mesmo, nem só para o grupo de resistentes; ele resiste para as gerações vindouras, para a futura Igreja, para o mundo vindouro... Ele contribui com seu grão de areia para um projeto que é muito maior e que foge do alcance de seu olhar.

Esta espiritualidade da resistência nos convida a levar em consideração o mundo do jeito do “resistente” que se mantém firme em seu propósito e confia na fecundidade de sua ação, mesmo que seus frutos não sejam imediatos porque, em última análise, ele sabe que os frutos são dados por OUTRO.

A espiritualidade sinodal se revela, assim, como uma *espiritualidade que, através da escuta, do diálogo e do discernimento, leva em consideração a realidade, cuidando dela e resiste* neste empenho, sem deixar de caminhar com os outros, com aqueles que são diferentes, avançando pacientemente, esforçando-se, passo a passo, com uma *resistência sustentável*, co-construindo uma comunhão que não deixa de ser vulnerável, mas que resiste porque é abraçada por todos, por todas.